Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Terça-feira 6.8.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 719 / €1,50 / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

CARLOS MOEDAS “AS PESSOAS NÃO TÊM ESQUADRAS E TAMBÉM NÃO VEEM A POLÍCIA NA RUA EM LISBOA”

ENTREVISTA Presidente da Câmara Municipal assume que a capital está mais insegura, que é preciso melhorar a rede de transportes da Carris e que ainda há muito para fazer na habitação. Não descarta recandidatar-se nas próximas Autárquicas, de 2025, e fala ainda do seu sentimento pela cidade. PÁGS. 4-7

PEDRO GRANADEIRO / GLOBAL IMAGENS

Portugal vai pagar 42 cêntimos por litro para retirar vinho a mais do mercado

PÁG. 17

FUTEBOL João Neves no PSG é a 3.ª maior transferência do mercado e a 6.ª da história do Benfica PÁG. 23

Laranjeiras
Imigrantes dormem na rua à espera de atendimento na Loja do Cidadão
PÁGS. 10-11

Saúde
Mortalidade por calor excessivo preocupa Ordem dos Médicos PÁG. 12

SNS
AD rebate críticas do PS na Saúde e atira culpas para anterior gestão
PÁG. 8

Questionário de Proust do ChatGPT
Mauro Xavier
SÓCIO, COMENTADOR E CRONISTA BENFIQUISTA
“Trocava de vida por um dia com Cosme Damião, no dia da fundação do Benfica PÁG. 16

Venezuela
UE aumenta pressão sobre Maduro, mas ainda não há atas eleitorais PÁG. 19

Paris2024
Triatlo consegue um “maravilhoso” 5.º lugar e o sexto diploma para Portugal PÁG. 24

Até ver...

Ricardo Simões Ferreira
Editor do Diário de Notícias

A falácia da "superioridade moral" da esquerda (II) – o socialismo

Quando Brian, todo nu, assoma à janela só para respirar um pouco após uma noite bem passada, vê-se confrontado com a multidão que o espera, nas ruas, convencida de que ele é o Messias. Recolhe, em pânico, veste a túnica e, tentando ver-se livre da mole, o pobre rapaz discursa de improviso: "Olhem, vocês perceberam tudo mal. Vocês não precisam de me seguir. Não precisam de seguir NINGUÉM! Vocês têm de pensar por vós próprios. Vocês são todos indivíduos!"

"Sim, somos todos indivíduos!", grita o povo em uníssono.

"Vocês são todos diferentes!", tenta de novo Brian, em desespero.

"Sim, somos todos diferentes!", responde a audiência a uma só voz.

Exceto um: "Eu não sou..."

Este excerto do magnífico – e hoje impossível de fazer – filme dos Monty Python *A Vida de Brian*, citado vezes sem conta desde que o filme se estreou em 1979, ilustra na perfeição o comportamento humano das massas, mas também a forma como o indivíduo pode ser condicionado a pensar pela sociedade e pelo sistema educativo. Nesta caricatura, não é por acaso que está lá uma personagem que diz: "Eu não sou..." Alem da gargalhada que arranca, esta figura é o resultado final de um sistema de ensino que - já Einstein dizia no final do séc. XIX - tende a estar estruturado para retirar o pensamento crítico e a gerar uma "normalização" nas regras de pensamento.

Hoje, esta passagem de *Brian* continua tão atual quanto em 1979 – em certos pontos, até mais do que se poderia pensar: relativamente à extrema-esquerda, tanto a ortodoxa como a antidemocrática, já abordámos o assunto a semana passada – houve mais casos esta semana, que apenas reforçaram o que aqui foi dito. Mas o mais curioso da atualidade daquela cena dos Monty Python é como ela se aplica tanto à extrema-direita (possivelmente o alvo, quando foi feita) – e falaremos em breve deste problema – como, em especial hoje em dia, à esquerda, particularmente ao socialismo, esse parente mais dócil, porque menos mortífero, do comunismo.

Ao contrário dos seus "primos", os socialistas são mais pragmáticos: não acreditam que a sua ideologia é um fim em si mesmo e que a dialética histórica irá inevitavelmente desaguar naquele modelo "de perfeição". Acham, isso sim, que têm a receita para uma sociedade mais "justa" e "equitativa" – confundindo permanentemente os dois conceitos – e, como tal, precisam de ter o poder para o tentar. Demore o tempo que demorar...

Desde logo, a distinção entre "justiça" e "equidade" é algo que já preocupava os gregos da Antiguidade. Os socialistas tendem a achar que o assunto ficou bem resolvido na Revolução Francesa – fazendo por esquecer, convenientemente para eles, o período do *Terror* de Robespierre, etc. – sendo algo tão complexo que não há aqui espaço para sequer aflorar. Certo é que são coisas muito diferentes, ao contrário do que normalmente se entende.

Depois, há o problema de como pagar as "redistribuições" e os "serviços públicos" necessários para a criação dessa tal sociedade "equitativa" que os socialistas imaginam.

Ao longo da segunda metade do século XX, o resultado foi sociedades falidas ou em grandes dificuldades económicas. É falacioso referir os exemplos habitualmente dados dos países do norte da Europa, onde alguns destes modelos parecem ter funcionado: são nações extremamente liberais, com enorme iniciativa privada, que passaram imensas dificuldades nos Anos 60 para conseguir começar a florescer do final dos Anos 70 em diante. Em comum têm Sistemas Educativos excelentes (função básica do Estado, como a Defesa e o assegurar a Saúde), uma baixa corrupção e uma constante oscilação democrática de poder entre uma maior "social-democracia" e um maior "conservadorismo".

Curiosamente – ou não – o país mais à esquerda dos "nórdicos", a Dinamarca, é aquele que fica sempre mais atrás nos indicadores de crescimento...

Como dupla forma de melhor controlar a sociedade e arranjar dinheiro, os socialistas do final do séc. XX inventaram a "regulação", esse mecanismo mágico que, na sua cabeça, tudo resolve: faz-se umas normas e a sociedade há de conformar-se. (Depois, mesmo que ninguém fiscalize, não interessa nada, como é useiro e vezeiro em Portugal, só para dar um exemplo...)

Quem também adora esta lógica são os burocratas da Administração Pública – e ao longo do séc. XXI a própria União Europeia, encheu-se de regras para tudo e mais alguma coisa, ao ponto de praticamente ter impossibilitado a inovação. Tanto que caímos no crescimento para números anémicos, comparativamente com os EUA, e não fazemos ideia de como recuperar...

Os socialistas querem mesmo regular tudo. Aliás, António Costa, então PM e líder do PS, até um dia afirmou: "Não há nenhuma atividade humana que não possa ser regulada." Curiosamente, esta assustadora afirmação passou tão incólume que nem hoje se encontra, numa pesquisa na internet. Mas eu sei que a ouvi.

Um dos exemplos mais preocupantes é a regulação do "discurso de ódio" e das redes sociais, que é, na prática, a criação de uma nova censura, qual novo fascismo (e nesse aspeto, dado o trauma do Estado Novo, o PCP por uma vez está do lado certo).

Com tanta norma, sempre de enorme complexidade, para tentar prever todas as situações do dia a dia – os socialistas metem o Estado (o Governo) em todo o lado, na atividade económica, no discurso e, até no pensamento...

A cena de Brian, em que o povo grita a uma só voz "Sim, somos todos indivíduos", para um socialista, é o sonho de uma sociedade perfeita. Provavelmente, nem percebe a ironia da coisa.

OS NÚMEROS DO DIA

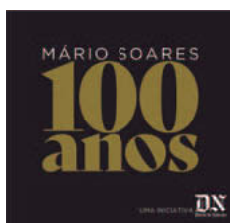
3100

MIL MILHÕES DE EUROS
em reembolsos foi quanto a Autoridade Tributária e Aduaneira já liquidou, em cerca de seis milhões de Declarações de IRS relativas a rendimentos de 2023 até 1 de agosto, mais 1,1% em termos homólogos.

2%

DÃO ACUSAÇÃO
O Departamento Central de Investigação e Ação Penal (DCIAP) fez 24 Despachos de Acusação para julgamento em 2023 num total de 1142 inquéritos concluídos, no que representa apenas 2,1%, segundo o relatório-síntese do Ministério Público (MP).

400

GRÁVIDAS
foram atendidas na Maternidade Alfredo da Costa (MAC), em Lisboa, desde as 00.00 horas de sexta-feira, o dobro do habitual, e realizaram-se aqui cerca de 60 partos, número acima da média.

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

Carlos Moedas
“Realizei muito mais do que aquilo que pensava que poderia realizar em minoria”

LISBOA O presidente da Câmara Municipal assume que a cidade está mais insegura, que é necessário melhorar a rede de transportes da Carris e que ainda há muito para fazer na habitação. Não descarta recandidatar-se nas próximas Autárquicas, de 2025, e fala ainda do seu sentimento pela cidade.

ENTREVISTA **ISABEL LARANJO** FOTOS **REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS**

A propósito do primeiro aniversário da *Jornada Mundial da Juventude*, em Lisboa, o DN falou com o presidente da autarquia, Carlos Moedas, nos Paços do Concelho, em Lisboa. Uma conversa sobre a JMJ, mas também sobre várias questões que estão na ordem do dia, como a segurança, a habitação ou os transportes, na capital.

Estamos aqui por ocasião do primeiro aniversário da *Jornada Mundial da Juventude*. Queria primeiro que me falasse na herança desta jornada para Lisboa.

Tenho um sentimento como presidente da Câmara, mas também como pessoa. O evento foi realmente muito maior do que alguma vez imaginei, porque as pessoas diziam que eram um milhão e meio de pessoas. Eu pensei que isso não ia acontecer. Depois o que não esperava era o momento de união que se viveu na cidade, entre as pessoas: estarem bem umas com as outras e estarem numa alegria que era quase contagiante. Ficaram muitos momentos da cidade, em que encontraram os miúdos no meio da rua e eles começarem a cantar, os miúdos a ajudarem os homens da higiene urbana a limpar, atrás do palco, um dos dias, toda a gente a bater palmas à polícia. E isso é um espírito que se viveu naquele momento e que eu quase que tenho pena, de certa forma, de se ter perdido. Depois veio toda uma série de desgraças internacionais, as guerras, e talvez se tenha perdido aquela essência. Quase que quero agarrar aquele momento, porque foi um momento único.

Na altura, estávamos completamente extenuados porque tínhamos trabalhado aqueles anos. Não sei se se lembra, mas começámos do zero, ou seja, chegámos ao terreno e estava uma lixeira, não havia nada. Houve momentos em que pensei que não iríamos conseguir, porque era tanta coisa que tínhamos de fazer... Isto é tudo de uma dimensão enorme. Estávamos a falar de milhões de pessoas, só em casas de banho, em tudo que era espaço, houve um investimento brutal.

> *“Isto [a JMJ] é tudo de uma dimensão enorme. Estávamos a falar de milhões de pessoas e, só em casas de banho, em tudo o que era espaço, houve um investimento brutal.”*

Qual foi o retorno desse investimento?

Para mim foi um contentamento tudo ter acontecido bem, mas também houve a dureza de algum cinismo da parte política. Havia pessoas que diziam que ia correr mal e, mesmo depois, tendo corrido bem, diziam não: que isto não trazia nada à cidade, que as pessoas não gastaram. Depois vem o estudo do ISEG, que é uma universidade completamente independente – eu não tenho contactos nenhuns no ISEG –, e que diz que foram 290 milhões de euros de retorno económico e 10 mil empregos criados. Ou seja, houve, de facto, um impacto económico muitíssimo relevante na cidade de Lisboa.

A *JMJ* trouxe imensa energia à cidade e à Câmara Municipal. Trouxe muita autoconfiança aos trabalhadores da Câmara, porque conseguiram organizar uma coisa para um milhão e meio de pessoas e isso quer dizer que a Câmara tem pessoas ótimas e conseguem fazer outras coisas. Às vezes, não conseguimos fazer tudo e temos muitos problemas, como todas as organizações, mas isso trouxe muita autoconfiança às pessoas.

Além de tudo isto, ficou como herança um jardim ótimo para os lisboetas: o Parque Tejo e a pala do altar-palco. Ficaram 30 hectares de verde e o *Rock in Rio* deixou o sistema da água, deixou a eletricidade, portanto eles também estão a deixar coisas à cidade. Fez-se a Cidade Verde. Quando perguntam o que é que o Moedas quer deixar como grande obra, diria que deixei uma obra verde, de 30 hectares sem um centímetro de cimento.

Mas se tivesse de escolher uma grande obra que marque o seu mandato, qual seria? O Plano Geral de Drenagem de Lisboa?

Sim, é verdade. Porque é uma obra muito importante para a cidade e não se vê, está enterrada. Causa transtornos à superfície, enquanto está a ser feita mas, no futuro, os lisboetas poderão desfrutar dela, quando não houver cheias. Quando comecei, na altura foram as primeiras cheias, e eu tinha na mão um projeto que realmente não é popular, porque não se vê, está enterrado. Mas naquela altura das cheias senti que ou era agora ou nunca e teríamos de avançar. Hoje tenho imenso orgulho de ter conseguido dar esse passo.

Neste momento, na Avenida da Liberdade, tivemos de cortar

"[O Plano Geral de Drenagem de Lisboa] é uma obra muito importante para a cidade e não se vê, está enterrada. (...) No futuro os lisboetas poderão desfrutar dela, quando não houver cheias."

uma faixa de trânsito, porque a Avenida da Liberdade vai ter um "poço" tapado para a água poder drenar, e aquelas cheias vão desaparecer na Baixa. São 150 milhões de euros de túneis, é mesmo uma obra muito grande. Estamos num pico de dificuldade, com muitas obras ao mesmo tempo, mas no final as pessoas sentirão um alívio.
Mas também tenho muito orgulho no Parque Tejo. O fundador do *Rock in Rio*, o Roberto Medina, no primeiro dia do festival olhou comigo e disse: "Isto é um cartão postal incrível de Lisboa."

No entanto, houve muitos visitantes que, por uma questão de mobilidade, se queixaram. Isto porque o Parque da Belavista está mais no centro da cidade.

Isso só correu mal no primeiro dia, porque depois nós reforçámos os autocarros da Carris e a partir daí a coisa começou a andar.

Pegando aqui na questão da mobilidade, em relação ao serviço da Carris, as viaturas estão em bom estado – já não se coloca isso –, mas os percursos são muito longos, há muita falta de corredores *bus*, há muito pouca ligação entre carreiras. Isto são problemas que nos afetam diariamente. Sendo agora a Carris uma empresa municipal há algum plano para melhorar a mobilidade? É que quem não está no centro, para quem vem do Ocidente ou do Oriente, não tem a mesma mobilidade do que quem tem acesso ao comboio ou ao metropolitano.

"Vai haver um grande alargamento dos corredores bus *em Lisboa. (...) Temos, também, de aumentar a frequência de autocarros, porque noutros países vê-se mais autocarros."*

Eu próprio, às sextas-feiras, venho sempre de autocarro, portanto sou um cliente muito chato! Venho muitas vezes ali das Amoreiras, de 711, e como ele vem pela autoestrada, às vezes estou ali à espera muito tempo. Estou sempre a insistir, e tive agora a confirmação da Carris, de que vamos aumentar o número de corredores *bus*. E depois temos de fiscalizar mais, porque as pessoas andam no corredor *bus*, não cumprem com a lei e a polícia tem de multar.

Nesse caso, tem de haver mais presença da Polícia Municipal?

Isso aí é outro tema. Mas nós investimos na Carris no ano passado à volta de 50 milhões de euros em renovação de frota. Por isso, como está a dizer, não é a frota, temos é de aumentar os corredores *bus*. Isso estamos a fazer.
Já temos as carreiras de bairro em quase todos os bairros, isso também mudou, sobretudo para pessoas de mais idade, que no bairro não conseguiam andar de um lado para o outro e isso já se conseguiu. E temos de aumentar a velocidade média dos autocarros: eles têm uma velocidade reduzida, porque ficam parados no trânsito. Isso, lá está, tem a ver com a criação de mais corredores *bus*. Vai haver um grande alargamento dos corredores *bus* em Lisboa, isso é fundamental. E depois a renovação da frota para uma frota que não seja a gasóleo. Vamos ficar com uma frota com 80%, ou mais, de veículos amigos do ambiente, e isso é muito importante para a cidade e muito importante para a poluição.

Também existe fraca ligação entre autocarros e as pessoas esperam muito tempo nas paragens, entre transportes.

Temos de aumentar sobretudo a frequência, porque no fundo há uma parte dos autocarros que fica nas filas de trânsito e não consegue andar, e os próprios condutores, que eu sei, porque falam comigo, queixam-se. Temos, também, de aumentar a frequência de autocarros, porque noutros países vê-se mais autocarros a passar.

Pensou muito antes de avançar com o Plano Geral de Drenagem de Lisboa (PGDL)?

Pensei muito, falei muito, aconselhei-me muito e falei muito com o Carmona Rodrigues, que é, no fundo, o pai da ideia e incentivou-me muito a avançar. Dizem-me: "Se tu fizeres isto, resolves um dos maiores problemas da cidade e vai custar, porque as pessoas vão resistir, porque vai haver muitas obras e não vão ver." Decidi avançar e um mês depois, mais ou menos, dá-se o caso daquelas cheias muito grandes. Acho que aí a população também me ajudou. Foi um momento dramático para muita gente. As pessoas ficaram sem lojas, sem casas. Eu nunca tinha visto uma coisa daquelas, foi muito impressionante. Nessa altura, as pessoas começaram a aderir ao projeto. Penso que tenho a população do meu lado, mas obviamente é uma obra que nunca ninguém vai ver, porque ela é enterrada. Vamos ver, quando não tivermos cheias. Há outro aspeto, de que falei muito também com o Carmona Rodrigues, que é o de aproveitar toda a água da chuva para poder regar, lavar as ruas e poupar água potável. Hoje em dia, qualquer projeto que façamos, temos de ter na nossa mente que temos recursos escassos no mundo, que temos de aproveitar, que temos de reutilizar. E isto seja em nossas casas, seja em qualquer lado... Ou seja, cada um de nós tem de fazer o seu bocadinho. E uma câmara municipal que consiga fazer isso, muda tudo. Porque qual é a ideia de nós hoje utilizarmos a água da torneira para lavar as ruas? Esta água pluvial nós vamos tratá-la um bocadinho, não é bebível, mas serve perfeitamente para a limpeza urbana e regas, não faz sentido devolver estas águas pluviais ao rio.

Passando para outro tema, estivemos há pouco tempo em reportagem na Mouraria, devido ao sentimento geral de

continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

insegurança da população. Os mais velhos vivem fechados em casa, com receio do que possa acontecer na rua. Os turistas ficam, muitas vezes, sem os seus bens. Aliás, dentro do que é a criminalidade grave, até já houve tentativas de violação, na Mouraria. Os moradores e comerciantes reclamam por um sistema de videovigilância. Que esforços têm sido feitos para haver mais segurança em Lisboa?
Bom, primeiro, eu estou muito preocupado, mas sem querer preocupar as pessoas. Ou seja, estou preocupado, mas Lisboa continua a ser uma cidade segura, apesar de estar mais insegura. Hoje está provado que há mais crime e muitas pessoas acabam por não fazer queixa. Desde o primeiro momento sou contra o fecho das esquadras, porque havia esta teoria de que fechavam-se as esquadras, mas depois a polícia andava nos carros na rua. Não, as pessoas não têm as esquadras e também não veem a polícia na rua. Pedi mais 200 Polícias Municipais e só recebi 25. Mas a minha preocupação não é só mais Polícias Municipais. Tem de haver mais PSP em Lisboa e eu posso ajudar. Estou a tentar utilizar um espaço, na Praça da Alegria, para fazer esquadra. Falei com o presidente da Junta de Santa Maria Maior: também na Mouraria estamos a procurar um sítio para o fazer. Nem falamos de uma esquadra, mas um sítio onde a polícia possa estar, possa até descansar se for preciso, mas para a polícia estar ali.
Para haver visibilidade, porque a visibilidade é importantíssima. Tenho lutado muito para esta mudança da segurança. Por exemplo, em termos de habitação, já consegui arranjar 40 lugares para polícias viverem em Lisboa, até nos nossos bairros municipais. Em cada concurso que abro tento dar lugar à polícia, porque eles têm salários muito baixos e precisam de sítios para viver.

E a videovigilância, que a população tanto pede?
Temos 200 câmaras que vamos montar. Começámos em Santa Catarina, já lá estão. Agora vamos colocar mais no Cais do Sodré, depois no Campo das Cebolas e, portanto, vamos ter 200 câmaras, em vários pontos, e isso será essencial. A própria PSP me diz que isso é essencial. É dissuasor, além disso, é importante para se ir buscar provas, se aconteceu alguma coisa. Onde é que as pessoas estavam, quem era, etc. Estamos agora a lançar os primeiros concursos e portanto a videoproteção vai ser uma realidade.

Em relação à habitação, fizemos reportagem em alguns bairros municipais, e notámos que havia uma grande degradação do edificado, em certas zonas, tanto no exterior como no interior das casas. Sei que já existe o programa *Morar Melhor*, e que estão a ser feitas obras em alguns bairros municipais. Há mais projetos a este nível?
Temos esse grande programa com a Gebalis, o *Morar Melhor* que é dos maiores investimentos que alguma vez foi feito, mas, quer dizer, nunca chega a tudo. Mas são 142 milhões de euros, na Gebalis. Muitas vezes perguntam-me: "Como é que se conseguiu entregar 2000 casas até agora?" Nós conseguimos entregar 2000 casas, porque 1000 dessas casas estavam vazias e entaipadas. Há uns dias fui visitar uma dessas casas, em que com 25 mil euros, pusemos janelas, pusemos uma cozinha e as pessoas puderam ir para lá viver. Era uma situação que causava uma irritação muito grande nas pessoas, porque das duas uma: ou a casa estava vazia, e as pessoas não percebiam por que é que estava vazia, ou então vinha alguém e invadia e não há esse direito.

Até porque há listas de espera para habitação municipal.
Claro, e estão outros a entrar nas casas que estão vazias... Ao princípio pensei em concentrar-me a fazer prédios novos, mas isso demora três anos. Por isso, recuperar aquelas que estão vazias é uma boa estratégia. Obviamente que as outras , que serão construídas, vão seguindo o seu tempo.
Depois há esta injustiça de muitas pessoas – eu tentei passar aqui na câmara e não consegui –, que é: pessoas que estão há mais de 15 ou 20 anos na sua casa, que pagaram renda a vida inteira, que são bons pagadores, por que é que não podem comprar a casa por um valor simbólico? E aqui a minha oposição não deixa vender a casa às pessoas. Isso já aconteceu, no município, mas atualmente não me deixam fazer isso. Acredito que as pessoas comprando a sua casa a mimam. Fica a sua casa. Portanto, poderíamos ter feito mais.

> *"(...) Estou preocupado, mas Lisboa continua a ser uma cidade segura, apesar de estar mais insegura. Hoje está provado que há mais crime e muitas pessoas acabam por não fazer queixa."*

Sim, mas do que sei, do terreno, há o problema da constituição de condomínios, que nem sempre é pacífico: em alguns bairros, os moradores não se entendem.
Exato, aí há problemas. Mas, para mim, era simples: a Gebalis fazia e geria o condomínio. E quando alguém não paga, a Gebalis até podia pagar, porque as pessoas, não é por mal: não têm dinheiro para pagar. Portanto a Gebalis podia-se substituir, mas a casa era da pessoa, a propriedade era da pessoa.

Serão construídas mais casas, como estava a dizer?
Nós continuamos a construir muito e, portanto, ainda vão ser muitos anos, porque são 560 milhões de euros que vêm do PRR e, depois do PRR, para continuar. Isto irá pelo menos até 2028, 2029. Mas como lhe digo, estamos a acabar muitas e estamos a pôr muitas já no mercado. Aliás, eu tenho conseguido, mais ou menos, entre as que recupero e as novas, entregar 30 casas todos os 15 dias. Há muitas necessidades, mas se compararmos Lisboa com outras cidades, 12% da nossa população vive em casas da câmara, tanto em bairros municipais, como em património disperso pela cidade. Somos o maior proprietário do país. Não há muitas cidades na Europa em que tantas pessoas vivam em casas municipais.

Soube pela vereadora Filipa Roseta que está a tentar aprovar-se um sistema de cooperativas. Segundo sei, o problema seria o modo da cooperativa, porque há dois modelos. Num deles, as casas podem ser postas no mercado imobiliário. No outro, que é o do inquilinato, não podem, e este seria o modelo preferido pela oposição.
Torna-se tudo muito ideológico. Veja-se o caso de Telheiras: as pessoas, ao fim daqueles anos, têm direito à casa, é sua. Se a quiserem vender, devem poder vendê-la. Porque mesmo um jovem, seja um jovem enfermeiro ou jovem jornalista, quer ter mobilidade. Pode querer, ou precisar, de ir trabalhar para outra cidade. E, se calhar, quer vender a sua casa. E por que não há de poder vendê-la? Acho que às vezes a política cria tantos entraves. Às vezes estou ali na reunião da câmara e a pensar: a oposição a querer meter sempre mais qualquer regra, e às vezes as regras são mal pensadas. Porque quando se faz uma regra aquilo tem sempre muitos efeitos e a pessoa, se calhar, naquele momento do calor da discussão não pensa. Mas depois pode ter efeitos muito negativos.

Estamos sensivelmente um ano das Autárquicas. Quer fazer algum balanço deste mandato.
O balanço que faço é o balanço de ter conseguido, numa situação muito difícil, em minoria, realizar medidas que deixam marca na cidade. E essas medidas que deixam marca na cidade são medidas, muitas delas, de caráter social, como é o caso do *Plano de Saúde*, em que já temos quase 13 mil pessoas, com as clínicas que começámos a fazer, que mudam realmente a vida das pessoas.
Isso foi, para mim, realmente uma realização muito forte, porque toda a gente dizia: "Não, a câmara não pode fazer nada na Área da Saúde, a Saúde é uma prerrogativa do Estado." Eu disse: "Não, vamos fazer." E fizemos.
Fizemos também os transportes públicos gratuitos, que foram realmente uma marca muito grande e que, ainda hoje, é engraçado, sobretudo as pessoas de mais de idade agradecem-me. A isso juntámos também, por exemplo, o *Passe Cultura*, com o qual as pessoas podem ir aos nossos equipamentos culturais – os menos de 23, os mais de 65 – sem pagar. E isso realmente deixou marca.
O PGDL,de que já falámos aqui, que é uma das maiores obras de sempre nesta cidade. Aquilo que fizemos no urbanismo, que é um bocadinho talvez mais, também, invisível. Mas costumo dizer que quando chegava aqui, tinha queixas todos os dias, de pessoas, dos processos que não davam, em

“Há políticos que estão sempre a pensar o que é que vão fazer a seguir. Eu, neste momento, estou focalizadíssimo e portanto não vou nem fazer anúncios, nem dos próximos anos, nem nada.”

que não havia a licença e que não acontecia. E a vereadora Joana Almeida conseguiu realmente mudar o paradigma. Os processos mais pequenos, em dois ou três meses estão aprovados, que são os projetos de regulação de casas, de extensões, de coisas pequenas que estavam ali paradas, e ela conseguiu limpar isso tudo. Depois, os projetos de menos de 1800m², que em cinco a seis meses conseguem ter a licença. Há uns que são maiores, são mais complexos e também demoram muitas vezes mais de um ano, mas já não demoram os três, quatro ou cinco anos que demoravam. E isso também foi muito, muito bom.

Aquilo que fiz com os trotinetas, que reduzi para metade o número das trotinetas, que agora vou fazer com os *tuk-tuks*. Mas falando com os *tuk-tuks*, encontrando soluções para os *tuk-tuks*. Como é que nós reduzimos o número de *tuk-tuks*, como é que eles estão mais organizados? Nós temos aí sítios na cidade que estão caóticos, como estavam com as trotinetas. Há uns dias, vieram aqui da Associação Portuguesa de Cegos e de Pessoas com Deficiência Visual, e eu até não estava à espera, porque eles vieram para pedir outras coisas e precisavam de ajuda para a associação, mas a primeira coisa que me disseram foi que fizemos muito bem em relação às trotinetas.

Portanto, olho para estes três anos com o sentimento de que realizei muito mais do que aquilo que eu pensava que poderia realizar em minoria.

Também há muitas frustrações de coisas que não aconteceram por bloqueio da oposição e que eu penso que no próximo ano ainda vai acentuar-se devido à guerra política, que eu acho que é mau para a oposição, porque os lisboetas não percebem isso. Ou seja, os lisboetas não percebem quando, no fundo, por uma birra da oposição, porque é que o quarteirão da Fontes Pereira de Melo ficou encalhado quando tínhamos a solução para ele. Ou o ténis de Monsanto: tínhamos de abrir um concurso para ter uma escola internacional de ténis de topo de gama para os nossos miúdos poderem ir para o Roland Garros e para fazerem uma série de coisas. Essas coisas são frustrantes, mas fazem parte do caminho. Mas entre aquilo que consegui e aquilo que não consegui, acho que consegui muito mais do que aquilo que pensava que iria conseguir

“O balanço que faço é o balanço de ter conseguido, numa situação muito difícil, em minoria, realizar medidas que deixam marca na cidade. (...) Muitas delas de caráter social.”

numa situação tão difícil. Repare, eu tenho sete pessoas em 17. Qualquer coisa, para eu aprovar, preciso de mais três pessoas. Estou ali entre os mais dois, mais três, para conseguir que as medidas passem. É um trabalho de fundo muito grande. Costumo dizer que não estou na política para me agradecerem. O agradecer é que as coisas aconteçam e que a oposição tenha as suas ideias diferentes, mas que deixe governar. Às vezes, no nosso país, o sistema político parece estar feito para que as pessoas travem as coisas. E eu estou cá a governar a cidade. Deixem-me levar para a frente os projetos.

No dia em que estiver outro, mesmo que eu esteja na oposição, eu deixo essa pessoa levar para a frente os projetos dela. As pessoas votaram naquele projeto, não é? É melhor que sejam bons, mas mesmo que não sejam tão bons. Alguns não serão bons para mim, mas são bons para outros, ou há uma ideia diferente de cidade. Estes três anos foram, genuinamente, três anos de muito trabalho. Agora estou a pensar aqui nos dias de férias. Estou extenuado.

Apesar das questões com a oposição e de governar em minoria, sente-se preparado para um novo mandato? Irá recandidatar-se?

Não lhe respondo a essa pergunta exatamente porque eu penso na política. Quando a pessoa está num mandato, está a trabalhar num mandato. Há políticos que estão sempre a pensar o que é que vão ser a seguir. Eu, neste momento, estou focalizadíssimo e, portanto, não vou nem fazer anúncios. Até me choca um bocadinho já haver tantas discussões. É normal que os senhores jornalistas perguntem, mas não acho normal já tanta discussão sobre umas eleições que vão ser no fim de 2025. Até daqui a um ano ainda é muito tempo, portanto teremos tempo para falar sobre esses temas.

Não sendo um lisboeta, qual é o seu sentimento pela cidade?

Eu sou um lisboeta. Acho é que tenho muitas identidades e acredito que a beleza da Europa, e a beleza desta cidade, é que também muitos lisboetas têm muitas identidades. Tenho uma identidade que é o sítio onde nasci, o Alentejo, que é uma identidade muito bonita. Mas a minha identidade maior é realmente Lisboa, porque eu cheguei com 18 anos para ir viver num quarto em Campo do Ourique, no 27 da Rua Ferreira Borges. Se eu pensar aquilo que foi a minha vida adulta, a minha vida consciente, ela foi em Lisboa mais do que foi no Alentejo. Depois também foi noutros países. E também costumo dizer que a minha identidade não é só portuguesa. Também tenho uma identidade francesa, com a minha mulher que é francesa. Mas a minha mulher onde se sente em casa é em Lisboa.

A maior identidade que tenho realmente é de Lisboa, porque eu sempre voltei a Lisboa. Fui para os Estados Unidos, voltei para Lisboa. Fui para Bruxelas, voltei para Lisboa. E posso dizer-lhe que quando voltei de Bruxelas, enquanto lá estive, tive muitos convites para trabalhar em sítios magníficos. Em Londres, em Paris, e tive muitos desafios na altura . Sucede que eu queria mesmo voltar a Lisboa, porque Lisboa tem um sentimento, há um sentimento especial de viver nesta cidade.

isabel.laranjo@dn.pt

"Com inúmeros Serviços de Ginecologia e Obstetrícia encerrados, é evidente que o Plano de Emergência e Transformação na Saúde *da AD está a falhar. O processo que está em curso é de degradação, não de transformação."*

Pedro Nuno Santos
Secretário-geral do PS

FILIPE AMORIM / AFP

REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS

"É preciso descaramento para dizer o que o doutor Pedro Nuno Santos disse. São declarações profundamente injustas. O estado do SNS é crítico. Aquilo a que estamos a assistir é o resultado de oito anos de governação do PS. Este é o SNS que o anterior Governo deixou."

Miguel Guimarães
Deputado do PSD

AD rebate críticas do PS e atira culpas para anterior gestão do SNS

SAÚDE Socialistas acusam Governo de degradar os serviços. Mas o Executivo diz que herdou o resultado de oito anos e relembra que há negociações em curso e um plano para aplicar até 2025.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

A acusação de Pedro Nuno Santos chegou num *tweet*. Os "inúmeros Serviços de Ginecologia e Obstetrícia encerrados" nos últimos dias são a evidência de que "o *Plano de Emergência e Transformação na Saúde* da AD está a falhar". Assim, está em curso um plano "de degradação, não de transformação". E esta situação reflete a "instabilidade que o atual Governo introduziu na Área da Saúde", atirou o líder socialista.

Do lado do Governo, há a consciência de que "a situação é crítica". Mas, aponta Miguel Guimarães, deputado do PSD, "é o reflexo da forma como o PS deixou esta área".

Ouvido pelo DN, o também ex-bastonário da Ordem dos Médicos refere que "ao longo dos últimos anos, a economia tornou-se mais importante do que o Estado Social, que se foi degradando". E não há como esconder: "O estado do SNS é crítico."

Esta situação, acusa Miguel Guimarães, foi herdada do PS e ouvir socialistas a criticá-la "é profundamente injusto". "É preciso descaramento para dizer o que o doutor Pedro Nuno Santos disse. São declarações profundamente injustas", afirma.

Referindo ainda que o PS "não conseguiu alargar a reorganização dos Serviços de Urgência", Miguel Guimarães diz ainda que "a população médica reflete um pouco a população do país: está envelhecida e isso prejudica os serviços hospitalares" por causa das restrições profissionais, devido à idade.

Além disso, acrescenta ainda o deputado social-democrata, "o *Plano de Emergência* é para ser aplicado até 2025. Não se resolvem todos estes problemas de um dia para o outro, são situações que levam o seu tempo".

Na sequência dos vários encerramentos de Urgências, os socialistas já manifestaram a sua intenção em reunir-se com as administrações das Unidades Locais de Saúde que tiveram Urgências de Ginecologia/Obstetrícia e Pediatria encerradas. Pela voz do deputado João Paulo Correia (que coordena a Área da Saúde no grupo parlamentar do PS), o partido considera que estas reuniões permitirão ter "um nível de informação importante passar para o público e para a opinião pública".

Reagindo ao caso da grávida das Caldas da Rainha, que lhe viu negada a assistência na Urgência mesmo estando a sangrar e com um feto morto num saco após um aborto espontâneo, João Paulo Correia atirou, na rede social X: "O Serviço Nacional de Saúde está nas mãos de uma Direção Executiva e de um *Plano de Emergência* impostos pelo atual Governo. Há grávidas a fazer 200 quilómetros da sua zona de residência. A Ministra da Saúde [Ana Paula Martins] está em silêncio. O primeiro-ministro tem de se explicar ao país."

O Bloco de Esquerda foi no mesmo sentido. Em declarações à Lusa, a deputada Marisa Matias exigiu a Luís Montenegro que venha a público falar sobre o assunto, apresentando soluções para resolver o problema. A situação atual, disse, acontece devido a "um acumular de casos", com as populações a não estarem a ser servidas continuamente. Com isto, defendeu, Montenegro "não pode continuar com esta barreira de silêncio".

Lembrando que o PSD "criticou muito" o modelo de rotatividade das Urgências, Marisa Matias acusou os sociais-democratas de "não só" terem deixado as críticas de lado após serem Governo, mas também "passou a achar que era normal". Com isso, "tem feito uma enorme confusão em relação às Urgências, porque primeiro quis retirar a informação do acesso público, depois ,afinal, após muitas críticas e denúncias voltou a colocar essa informação ao público, mas cheia de erros".

Durante o fim de semana, já em reação aos encerramentos, o diretor executivo do SNS, António Gandra de Almeida, admitiu ser necessário repensar a rede de Urgências de Obstetrícia. Em declarações à Rádio Renascença, o responsável admitiu que refletir sobre a rede deve servir também para pensar "no futuro" da resposta "das maternidades no país". Reconhecendo ainda que houve grávidas a serem transferidas para o privado, Gandra de Almeida assumiu que o número pode ser maior do que as seis que foram tornadas públicas, mas garantiu que nenhuma mulher ficou por atender.

Opinião
Bernardo Ivo Cruz

Nas costas dos outros vejo as minhas

O ano de 2016 ficou na memória coletiva dos países que compõem as mais importantes organizações internacionais de que Portugal é membro: nas organizações multilaterais assistimos, com (generalizada) surpresa, à tomada de posse do presidente Donald Trump; e vimos, com (absoluta) incredulidade o Reino Unido a decidir abandonar a União Europeia.

E embora as mudanças em Washington e Londres representassem os choques mais visíveis das democracias Ocidentais, não eram as únicas, já que os Governos da Polónia, da Hungria e da Grécia já tinham partidos populistas na sua composição e a Frente Nacional Francesa e a Alternativa para a Alemanha estavam, como estão hoje, em franco crescimento eleitoral.

Face aos resultados das eleições e referendos, cientistas políticos lançaram-se na procura de explicações que permitissem compreender o que tinha acontecido em algumas das mais importantes democracias dos dois lados do Atlântico, tendo surgido uma tese que permitiu lançar alguma luz sobre os resultados de Trump nos Estados Unidos, da dupla Farage/Johnson no Reino Unido e (com as devidas diferenças) de Le Pen na França: as pessoas que tinham optado pelas soluções simplistas e aparentemente fáceis dos populistas eram as mesmas que tinham maiores dificuldades em lidar com a globalização da economia, nomeadamente com a relocalização dos empregos para países onde os salários eram mais baixos e com a abertura dos seus mercados de trabalho a imigrantes que custavam menos para executar as mesmas funções.

Ou seja, as pessoas que sofriam o impacto económico e social da integração da economia mundial voltaram-se para quem lhe prometeu resolver as suas aflições rapidamente e sem qualquer dificuldade.

Esta explicação económica e social foi posta em causa com a chegada de partidos populistas aos Governos de democracias nórdicas ou da Europa do Norte, onde os sistemas de Segurança Social são reconhecidamente eficazes e protegem as pessoas que deles necessitem.

Mas se não são questões económicas e sociais, qual é o apelo dos populistas? A outra explicação é mais preocupante: o populismo apela e promove discriminação de identidade, onde os "nós" são sempre melhores que os "eles". Como se fosse possível que todas as pessoas que vêm de fora sejam piores que todas as pessoas que são de cá… É obvio que não há monopólios nacionais de virtudes!

Em Portugal, as narrativas nativistas são ainda mais ofensivas. Poucas serão as pessoas que não conheçam alguém que emigrou para outro país. E é a nossa diáspora que terá língua, hábitos e cultura diferentes dos países para onde foram construir o seu futuro. Nas costas dos "eles" que vieram para Portugal deveríamos ver os nossos "nós" que foram para outras paragens…

Professor Convidado IEP/UCP

BREVES

PAN quer limitar poluição dos navios de cruzeiro

O PAN recomendou ontem ao Governo a adoção de medidas que limitem a poluição causada pelo turismo de cruzeiro e que assegure maior transparência quanto ao impacto ambiental da atividade. Na iniciativa, assinada pela deputada única, Inês de Sousa Real, lê-se que, segundo um estudo da Federação Europeia de Transportes e Ambiente, divulgado em junho de 2023, "Portugal ocupa, em termos absolutos, o 6.º lugar entre os países europeus com maiores níveis de poluição por óxido de enxofre emitido pelos navios de cruzeiro (cerca de 20 vezes mais do que os automóveis em circulação no país)". A deputada diz que Lisboa foi o porto europeu com maior tráfego de navios de cruzeiro e que figura, tal como o Funchal, "no *Top*-10 dos portos europeus mais poluentes". Para o PAN, na capital "continua a inexistir uma mão pesada e forte para fazer face ao impacto causado pelo crescente número de cruzeiros".

Chega lança alerta sobre Setor Público "falido" nos Açores

O Chega/Açores alertou ontem para as empresas e institutos públicos "tecnicamente falidos" no arquipélago, e questionou o Governo Regional (PSD/CDS-PP/PPM) sobre as despesas do Setor Público Empresarial, "em nome da transparência". Em nota de imprensa, o grupo parlamentar do Chega/Açores adianta que entregou, no Parlamento açoriano, um requerimento ao Executivo de José Manuel Bolieiro, questionando o número de administradores remunerados que integram o órgão executivo de cada Empresa Pública e instituto público da região, nos últimos quatro exercícios fiscais, ou seja, de 2020 a 2023. Os deputados referem que estão preocupados com os resultados económico-financeiros do Setor Público Empresarial da região, os quais "deixam muito a desejar e acumulam prejuízos atrás de prejuízos".

Socialistas questionam "vaga generalizada de substituições"

DIRIGENTES Deputados perguntam a ministra do Trabalho se o Governo vai alterar leis orgânicas.

O PS perguntou ontem à ministra do Trabalho se o Governo está a preparar alterações a leis orgânicas de entidades e organismos públicos para, "a coberto de diferentes finalidades", proceder a uma "vaga generalizada de substituições de pessoal dirigente".

Num requerimento dirigido a Maria do Rosário Palma Ramalho, dez deputados do PS referem que, nos últimos meses, "tem ocorrido uma vaga de saídas e de exonerações nos cargos de topo da Administração Pública em diferentes áreas governativas", "não raras vezes com exposição pública e campanhas difamatórias". E dão como exemplo a dissolução do conselho diretivo do Instituto do Desporto e Juventude e a substituição da diretora-geral da Administração Educativa.

Os deputados do PS na Comissão Parlamentar do Trabalho e Segurança Social referem que, na área governativa do Trabalho, têm-se registado "alguns dos casos com maior repercussão pública e alarme social, de que serão exemplos cimeiros a exoneração caluniosa da Mesa da Santa Casa de Misericórdia de Lisboa", "a campanha falsa lançada contra a anterior presidente do Instituto de Segurança Social" ou "a demissão não-explicada do vice-presidente do Instituto de Emprego e Formação Profissional". **DN/LUSA**

Imigrantes dormem na rua à espera de atendimento na Loja do Cidadão

LISBOA Limitação nos serviços e falta de trabalhadores faz utentes usarem calçadas como dormitórios. Na unidade das Laranjeiras, enquanto a loja não abre, a autogestão prevalece na organização entre aqueles agoniados com a possibilidade de não serem atendidos.

TEXTO **NUNO TIBIRIÇÁ** FOTOS **CARLOS PIMENTEL** / GLOBAL IMAGENS

Movimento em frente à Loja do Cidadão das Laranjeiras.

O placar colado na Loja de Cidadão das Laranjeiras, em Lisboa, indica a abertura a partir das 8.30, mas o movimento em torno do edifício já é grande nas horas anteriores. Antes das 6.00 da manhã, imigrantes usam caixas de papelão como camas ao lado da porta, enquanto em alguns carros, outros utentes repousam no banco para dormitar e aproveitar os últimos momentos antes do amanhecer. No chão, uma lista de espera improvisada conta com pouco mais de duas dezenas de nomes. Ao longo da hora seguinte, já seriam mais de 100.

A fama de falta de condições para atender tantas pessoas por parte da Loja do Cidadão das Laranjeiras faz com que as madrugadas e inícios das manhãs sejam sempre assim. Com receio de não serem atendidos, os utentes, na sua maioria imigrantes de países como Angola, Bangladesh, Brasil, Cabo Verde ou Paquistão, chegam de madrugada ou até no dia anterior para marcar presença nas redondezas da loja.

"Todas as manhãs são assim, de segunda a sábado. E os sábados são os piores", conta a empregada de mesa de um dos cafés do centro comercial ao lado da loja. "As pessoas estão de folga, o horário é reduzido… vira mesmo um caos. A fila dá uma volta ao quarteirão", afirma.

Entre as 6.00 e às 7.00 da manhã, quando o movimento cresce exponencialmente, as pessoas começam a acordar e organizar-se. Às 7.30, a tal lista de espera começa a virar efetivamente uma fila, sem deixar de ter confusões pelo caminho. Três homens, também à espera de serem atendidos, lideram a organização.

"33, Mohammed! 34, Nahid! 35, José Carlos!", exclama Bernardin Martins, um dos utentes que ajuda a organizar a fila. Na Loja de Cidadão para emitir o Registo Criminal para trabalhar como condutor TVDE, Martins revelou que as filas para entrar no espaço estão a ficar cada vez maiores. Em agosto, com muitos funcionários em férias, o problema é acentuado.

"Parece que está a piorar desde a pandemia. Não acho que as filas fossem assim tão caóticas alguns anos atrás, não podemos dizer que é normal uma situação dessas. Alguma coisa está a acontecer, claro que tem mais pessoas a chegarem ao país, que precisam de tratar da documentação necessária. Mas falta, por parte do Governo, alguma organização ou mais trabalhadores: não é papel do cidadão comum organizar filas de espera como essas", diz Martins, cabo-verdiano, em Lisboa há seis anos.

No dia em que a reportagem do DN esteve no local, Sikandar, do Paquistão, havia sido o primeiro a chegar à porta do órgão e um dos que dormiam numa das caixas de papelão. O paquistanês inaugurou a lista mais de 12 horas antes da Loja do Cidadão das Laranjeiras abrir as portas. Ao acordar e ser direcionado pelo trio para a frente da fila, Sikandar, falou com a reportagem do DN.

"Cheguei ontem às 20.00 horas. Vim para alterar a minha morada fiscal, ainda está em Lisboa, mas eu vivo na Zambujeira do Mar há alguns meses. Vim à tarde para Lisboa, não tinha onde dormir e já fiquei por aqui para guardar lugar. Sabia que se chegasse mais tarde hoje, seria complicado ser atendido, e tenho de voltar ainda hoje para Zambujeira para trabalhar, portanto não podia arriscar", conta Sikandar.

Na última vez que tinha estado em Lisboa, Sikandar não conseguiu ser atendido na Loja do Cidadão ao chegar de manhã, por volta das 7.00 e se deparar com a fila que contornava a rua. Desta vez, levou papel e caneta e colocou o nome na tal lista que mostra a autogestão feita pelos utentes antes da abertura das portas do espaço. O paquistanês entendeu que era uma prática comum de bom senso entre aqueles já acostumados aos serviços do órgão e repetiu o gesto ao chegar no dia anterior: "Primeiro da lista", diz contente.

O desespero de quem precisa de atendimento na loja das Laranjeiras é tanto que faz surgir personagens como João, que ali, preferia ser conhecido como Daniel. Cabo-verdiano radicado em Lisboa "há muitos anos", como o próprio diz, João nada mais faz do que ficar a guardar o lugar na assustadora fila da Loja do Cidadão em troca de uma compensação financeira.

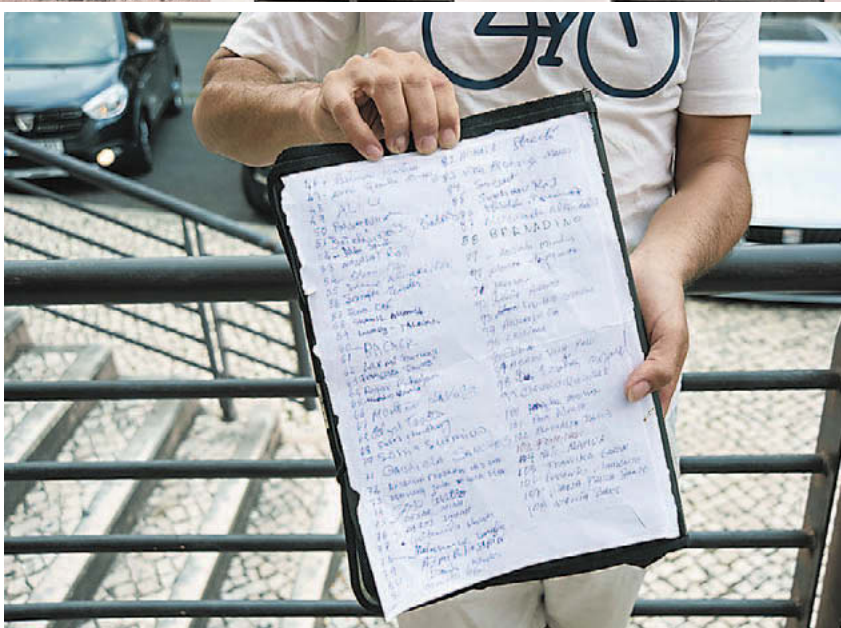
"Estou aqui desde as 21.00 horas de ontem, coloquei o nome do meu amigo na lista e dormi aqui no meu carro. Ajudo quem acaba de chegar a Portugal, que ainda não tratou de nada de Finanças, Segurança Social, morada. E faço isso porque eu já morei em muitos lugares do mundo, como França, Holanda e Bélgica. Além de Cabo Verde, claro. E nenhum lugar é tão complicado em questão de serviços quanto aqui. As pessoas ficam espantadas com Portugal", explica João.

Hugo, outro cabo-verdiano que ajudava a organizar a fila nos serviços, faz coro às palavras do seu conterrâneo. "Não faz sentido o que acontece no atendimento de serviços aqui em Portugal. Na AIMA, por exemplo, é a mesma coisa ou até pior. Falam que é muita demanda, então que contratem mais gente, aqui e lá. E lá seria ainda mais fácil para eles solucionarem: se contratassem 80 funcionários, para trabalhar por três meses que fosse, resolvia as pen- dências todas, diminuía a pressão da comunicação social também. Não percebo a falta de soluções para algumas coisas simples aqui", afirma Hugo, que precisava resolver uma pendência com as Finanças na Loja do Cidadão, balcão que costuma ser concorrido.

Na fila, há até quem leve um banco de plástico para ficar à espera. Quando finalmente fica formada em ordem de chegada consoante os nomes inscritos no papel, a lista é "encerrada". "Quem está depois desse número já não vai conseguir ser atendido, pelo menos se forem para os principais balcões", destaca Hugo, ao apontar o número 120 da lista.

Inseguros e preocupados com a regularização em Portugal, muitos abordados pela reportagem do DN preferem não dar entrevistas ou, se concedem, optam por não responder o apelido. Tirar foto, nem pensar.

Balcão da Segurança Social é o mais disputado

A lista de espera para o atendimento organizada pelos utentes na Loja do Cidadão das Laranjeiras, em Lisboa.

Os utentes que precisam tratar de documentos como renovação da Carta de Condução ou Cartão de Cidadão não reclamam do atendimento no interior da loja. "A confusão é de lá para cá. Dentro sempre consegui ter tudo resolvido, especialmente se forem assuntos menos complexos", diz Carlos Sá, um dos poucos portugueses presentes na fila.

Outros utentes afirmam que a qualidade do atendimento depende muito do serviço necessário dentro da Loja do Cidadão.

"O serviço depende muito do balcão. O balcão da Segurança Social, por exemplo, costuma ser o pior. É o que tem menos senhas também e, além de ser concorrido, tenho a impressão de que atendem as pessoas um bocado mal. Já presenciei, não aqui, mas na Loja do Cidadão do Saldanha, um atendimento brusco e pouco solícito, especialmente com os imigrantes", ressalta Gabriela Rodrigues, angolana radicada em Lisboa há mais de 30 anos e que havia chegado por volta das 6.00 da manhã para dar entrada em documentação que garante uma ajuda de custos do Estado.

Perto das 8.30, a porta da Loja do Cidadão conta com reforço de dois policiais e dos seguranças do edifício. Um ou outro utente tenta entrar de forma sorrateira na fila, sendo reprimido pelos organizadores da lista de espera e mandado para o fundo.

Já depois da abertura de portas, a reportagem perguntou aos trabalhadores da Loja do Cidadão quantas senhas estavam disponíveis, tendo em vista que a fila já contava com quase 150 pessoas. Os representantes disseram que não poderiam dar tal informação.

"É constrangedor. Acho que ninguém tinha de dormir na rua por medo de não ser atendido. As senhas acabam cedo e é por isso que as pessoas acabam por acampar aqui: estão com receio de, no dia seguinte, chegarem de manhã e não conseguirem ser atendidas. As pessoas estão a inventar um sistema (lista) que não deveria ser nossa responsabilidade. Se houvessem mais balcões, mais senhas, mais trabalhadores, não seria preciso", completa Gabriela.

Rosalina Bicas, outra angolana a viver em Lisboa, acredita que a Administração poderia pensar em maneiras de melhorar a eficácia do sistema, ainda mais em agosto. Após duas tentativas fracassadas de ser atendida pelo balcão da Segurança Social ao chegar às 7.30 da manhã, esperava finalmente tratar da sua documentação. Dessa vez, chegou às 5.00.

"O serviço não suporta tanta gente. Agora, não dá para culpar as pessoas, *né*? Eles sabem que existem muitos imigrantes em Portugal e que precisam abrir atividade na Segurança Social ou tratar de outras burocracias. Portanto, que abram mais espaços, contratem mais pessoas, especialmente nessa época de verão. Mas aqui é sempre assim: parece que até nos hospitais faltam trabalhadores nessa altura", diz a angolana.

A opção de atendimento sem marcação prévia em Lojas do Cidadão entrou em vigor no último mês de julho. O DN entrou em contacto com o Ministério da Justiça para entender quais as medidas que estão a ser aplicadas para melhorar o atendimento nas lojas e se houve a contratação ou realocação de funcionários para a Loja do Cidadão das Laranjeiras, uma das maiores do país. Até o fecho desta edição, não recebemos respostas.

nuno.tibirica@dn.pt

Mortalidade por calor excessivo preocupa Ordem dos Médicos

SAÚDE Bastonário da Ordem dos Médicos critica falhas no planeamento, pede medidas de prevenção e mais campanhas de informação à população. Portugal está no *Top*-20 dos países mais afetados pelo calor nos últimos 30 anos. Entre 1990 e 2019, morreram em média 600 pessoas por ano.

TEXTO **CYNTHIA VALENTE**

Idosos, crianças e pessoas com patologias crónicas são os mais vulneráveis ao calor.

ESEG

O bastonário da Ordem dos Médicos, Carlos Cortes, mostra grande preocupação pelos óbitos associados ao calor excessivo e entende não se estar a fazer o devido no âmbito da prevenção. "O *Plano de Verão* devia ter sido criado em janeiro e não existe, bem como o plano de contingência, que deveria ter sido conhecido em abril. São essenciais para a prevenção dos óbitos associados ao calor excessivo e, todos os anos, isso nunca é feito", afirma.

Carlos Cortes adianta que é da responsabilidade da Direção-Geral de Saúde (DGS) a elaboração dos planos "necessários para que as Unidades Locais de Saúde (ULS) possam elaborar os seus próprios planos de atuação. "Uma ULS de Castelo Branco tem de ter um plano diferente de uma da zona do Algarve. Cada ULS tem de adaptar a estratégia do Governo à sua realidade", sublinha.

Para o responsável, "faltam medidas de prevenção e campanhas de informação à população". "A sensação de sede perde-se com a idade e as pessoas mais velhas têm de se obrigar a beber em alturas de maior calor", adianta, a título de exemplo, uma das informações que deveria ser divulgada em alturas de maior calor. "Deve haver campanhas, temos de trabalhar na prevenção e, nesta altura do ano, é absolutamente essencial."

O bastonário da Ordem dos Médicos destaca o aumento das ondas de calor "de ano para ano, com um período de verão cada vez mais alargado". "Os grupos mais vulneráveis, como as crianças, os idosos e as pessoas com patologias crónicas que podem descompensar, devem implementar algumas medidas e falta literacia nesse âmbito. Falta informação e um conjunto de medidas para os grupos mais fragilizados. Deve haver uma resposta na questão da literacia em saúde e a Ordem dos Médicos não tem visto isso neste verão. As campanhas deviam ter sido mais intensificadas", alerta.

Neste verão, diz, os hospitais vão debater-se com mais utentes com patologias em consequência do calor. "Os hospitais devem estar mais bem preparados e trabalhar em rede, nomeadamente no Litoral e no Sul, onde há mais concentração de pessoas, mas não devemos esquecer as zonas rurais mais isoladas onde há mais pessoas idosas", explica.

Carlos Cortes adianta ainda que Portugal está a mudar, pois "o facto de estar cada vez mais calor altera o ecossistema onde vivemos, havendo doenças que eram próprias de África que começam a estar presentes no Sul da Europa. As doenças que temos não são as mesmas, porque vírus e bactérias que têm um ambiente mais quente e desenvolvem-se de forma diferente, em comparação com a forma como o fazem num clima temperado", justifica.

Luís Cadinha, médico de Saúde Pública, alerta para a presença de mosquitos portadores de doenças como Zika ou Dengue, que "até há pouco tempo tinham chegado apenas a uma ponta do Algarve e se têm alastrado a toda a zona e já foram detetados em Lisboa".

"O que acontece com a mudança do perfil meteorológico no nosso país é que fez com que regressassem mosquitos portadores de algumas doenças. Embora o mosquito apenas transmita doenças quando infetado, temos uma população nova em Portugal. Esta mudança de temperatura faz do nosso país um *habitat* mais propício aos mosquitos", explica.

Luís Cadinha alerta ainda para as doenças transmitidas pelas carraças, cuja presença também se alargou. "As carraças mantêm-se ativas mais tempo e já não é só no verão – e essas, sim, são portadores de doenças que nos afetam. Começam mais cedo e param de estar ativas mais tarde. Antigamente estavam ativas entre maio e setembro e agora já começam em março e permanecem até novembro", alerta.

O médico de Saúde Pública aponta uma maior ocorrência de fenómenos de calor desde o início do verão, comparativamente com anos anteriores. "Têm ocorrido mais e com maior frequência", refere. Segundo Luís Cadinha, entre os Anos de 2000 e de 2005, "em cinco anos foram registados dois ou três eventos e só no ano passado tivemos três".

Portugal está no *Top*-20 dos países mais afetados pelo excesso de mortalidade devido às ondas de calor, de acordo com um estudo publicado na revista *PLOs Medicine*, publicado em maio, com uma média de mais de 600 mortes por ano, entre 1990 e 2019.

Carlos Cadinha diz estar a ser feito "o que é possível", mas carecem medidas de fundo. Estas, diz, devem passar por grandes mudanças na política de habitação. "O código de habitação devia incluir medidas de proteção térmica. É necessário considerar a proteção do calor e do frio como essenciais na construção e isso poderia deixar-nos preparados para sermos mais resistentes às alterações climáticas", conclui.

Questionada pelo Diário de Notícias para obtenção do número de óbitos associados ao calor, a DGS refere que "a codificação das causas de morte de 2023 ainda se encontra a decorrer, estando a conclusão da mesma prevista até ao final do ano, para posterior validação conjunta com o INE, a quem compete a divulgação pública das mesmas, como habitualmente".

"No ano 2022, em Portugal, a causa de morte foi codificada como 'devido a exposição a calor natural excessivo' em 10 óbitos, dos quais 2 óbitos prematuros (< 70 anos)", refere.

Massa de ar quente no final da semana

No mês passado, foram batidos recordes de calor em todo o mundo, tendo 22 de julho sido o dia mais quente de que há registo. Neste início de agosto em Portugal o calor excessivo continuará a fazer-se sentir. Segundo o Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA), esta semana vai registar valores acima do normal (+0,25º a 3°C), nas regiões do interior Norte e Centro. Entre quinta-feira (8) e sábado (10), prevê-se uma escalada das temperaturas devido a uma massa de ar quente e seco – tropical e de origem continental – procedente do Norte de África. O IPMA prevê valores acima do normal praticamente para todo o território nas próximas semanas, com exceção de algumas regiões junto à faixa costeira.

BREVES

Cinco grávidas levadas para hospitais privados

Cinco grávidas foram transportadas de hospitais públicos para privados no sábado e no domingo, dias em que seis Serviços de Urgência de Ginecologia/ Obstetrícia de Lisboa e Vale do Tejo estiveram encerrados, indicou ontem a tutela. Segundo um balanço feito à Lusa pelo Ministério da Saúde, que cita o Instituto Nacional de Emergência Médica (INEM), as grávidas foram transportadas para hospitais privados com os quais o Serviço Nacional de Saúde (SNS) tem protocolo, nomeadamente CUF Descobertas, Luz Saúde Lisboa e Lusíadas Lisboa. Citando dados da Direção-Executiva do SNS, o ministério adianta que, no mesmo fim de semana, nasceram 146 bebés nas maternidades públicas da Região de Lisboa e Vale do Tejo.

Portugal vai recuperar mais de 500km de rio

A ministra do Ambiente mostrou-se convicta de que o país irá ultrapassar a meta definida pela Lei do Restauro da Natureza para a recuperação de 500 quilómetros de rios, destacando o esforço que o Governo tem feito nesta área. "Teremos, até 2030, de recuperar cerca de 500 quilómetros de rios, mas as obras que já estão em curso já vão recuperar 300 quilómetros, portanto, vamos ultrapassar a meta dos 500 quilómetros", disse a ministra Maria da Graça Carvalho. A governante falava aos jornalistas à margem da sessão de assinatura de um protocolo para a reabilitação e valorização do Rio Antuã e do Esteiro de Salreu, em Estarreja, no Distrito de Aveiro, num investimento de 350 mil euros, financiado pelo Fundo Ambiental.

Opinião
Fernanda Câncio

Os cromossomas de Imane

Vão-me desculpar mas vou começar pelo fim. E o fim, do meu ponto de vista, é como se responde às perguntas "o que é uma mulher", "o que é um homem".

Até há uns dias, muitas das pessoas responderiam a isto "mulher é quem nasce com vulva e vagina" e "homem é quem nasce com pénis e testículos", acrescentando, claro, "qual a dúvida?" Mas, como verifiquei, maravilhada, no Twitter, o caso Imane Khelif – a pugilista argelina de 25 anos cujo direito a competir como mulher foi colocado em causa pela Associação Internacional de Boxe mais um coro variado que inclui o CDS (que chegou ao ponto de apresentar no parlamento um "voto de condenação"), uma deputada do Chega, o líder italiano de extrema-direita Matteo Salvini, Trump e, tristemente, a autora de Harry Potter, J. K. Rowlings – mudou tudo. Agora, muitas daquelas pessoas que tinham a certeza de que a presença de um pénis ou uma vagina à nascença define, sem apelo nem agravo e para a eternidade, o género dos seres humanos (além, evidentemente, de gostarem ou não de cor de rosa), podem escrever frases como esta, inclusive com ponto de exclamação: "Nasceu com corpo de mulher mas é um homem".

Isto porque a pugilista, admitem, terá vulva e vagina – portanto aquilo que designam de "corpo de mulher" – mas parece-lhes, vestida, um homem, e ouviram dizer que tem "cromossomas XY". E, concluem, "se tem cromossomas XY é um homem". Aliás houve quem afiançasse, sempre com a máxima certeza, que "tem testículos escondidos" e até quem ande a partilhar vídeos nos quais a argelina está a, alegadamente, "arrumar" os órgãos sexuais masculinos no calção (não estariam assim tão escondidos, portanto).

De onde vem toda esta maluqueira? Do facto de Imane ter sido, como outra boxer, a taiwanesa Lin Yu-ting, desqualificada em 2023, durante o campeonato do mundo da modalidade, pela citada Associação Internacional de Boxe (AIB). A AIB alegou ter descoberto, através de testes cujo tipo não especificou – invocando tratar-se de informação clínica, portanto privada – que ambas as atletas apresentavam "vantagens competitivas" face às sua adversárias. Mais tarde, o presidente da AIB mandou a privacidade às urtigas e certificou à agência noticiosa russa que ambas tinham cromossomas XY (associados normalmente a pessoas do sex masculino). Tendo as duas sido aceites na competição olímpica, o facto de Imane ter ganhado um combate com uma italiana em apenas 46 segundos porque esta desistiu, queixando-se de ter levado um murro brutal, desencadeou uma discussão global sobre o género "verdadeiro" da argelina e sobre se pode combater com mulheres.

O que Imane Khelif – que, diga-se, já perdeu vários combates com pugilistas cujo género feminino não foi posto em causa – tem ou deixa de ter não vai decerto aventar-se neste texto: estou muito longe de poder ter certezas sobre o assunto e sinto-me bem acompanhada por Boris Van Der Vorst, o holandês que dirige a World Boxing, órgão dissidente da AIB(a qual fora "expulsa" dos Jogos Olímpicos antes desta trapalhada). Na quinta-feira, Vorst disse à Associated Press estar desgostoso com o desrespeito evidenciado na discussão pública em relação às duas atletas, considerando que a política de género da modalidade deve ser fixada por especialistas médicos, "porque o assunto é muito complexo. Precisamos de ter bons testes, não apenas testes de género, mas também testes médicos. Isto não é um assunto para alguém como eu ou você [referindo-se ao jornalista]".

Precisamos sobretudo de calma: a presença do cromossoma Y, se é que é o caso das duas atletas, não se traduz forçosamente na identificação biológica masculina, como explica a página do Instituto de Investigação do Genoma Humano dos EUA. E, no contexto desportivo, o que está em causa, como sublinha a "política de género" adotada em 2022 pela Federação Internacional de Natação (World Aquatics), é a existência, ou não, de vantagem competitiva. Para este órgão, cujas normas neste campo foram seguidas por outras federações internacionais, como a do atletismo, só mulheres transgénero que fizeram a transição antes da puberdade (até aos 12 anos) podem competir nas provas femininas. Isto porque, se aceitarmos como premissa da separação da competição desportiva entre mulheres e homens o facto de nas modalidades que requerem mais força ou mais velocidade eles terem vantagem, não fará sentido admitir nas provas femininas mulheres que têm essa mesma vantagem competitiva porque se desenvolveram, na fase fulcral da puberdade, "como homens".

Esta segunda-feira, Imane, que já garantiu pelo menos a medalha de bronze nos JO na sua categoria, dirigiu-se aos jornalistas para dizer apenas, em árabe, "sou mulher". Antes, o pai viera a público para certificar que a filha nasceu mulher, foi criada como mulher e sempre competiu como mulher.

Pode ser – sei lá – que Imane tenha algum tipo de característica biológica que lhe assegure uma vantagem competitiva desproporcionada face às adversárias (mesmo se isso não é óbvio na sua carreira como pugilista). Pode ser, e se assim for temos um problema no que respeita à sua inclusão na categoria feminina da modalidade. Mas não só será preciso prová-lo como isso não tem nada ver com a sua natureza de mulher. Como escreveu Beauvoir, uma pessoa não nasce mulher, torna-se mulher. E esse tornarmo-nos mulheres é, disse-o tão bem em 2017 a escritora feminista nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, "a maneira como o mundo nos trata".

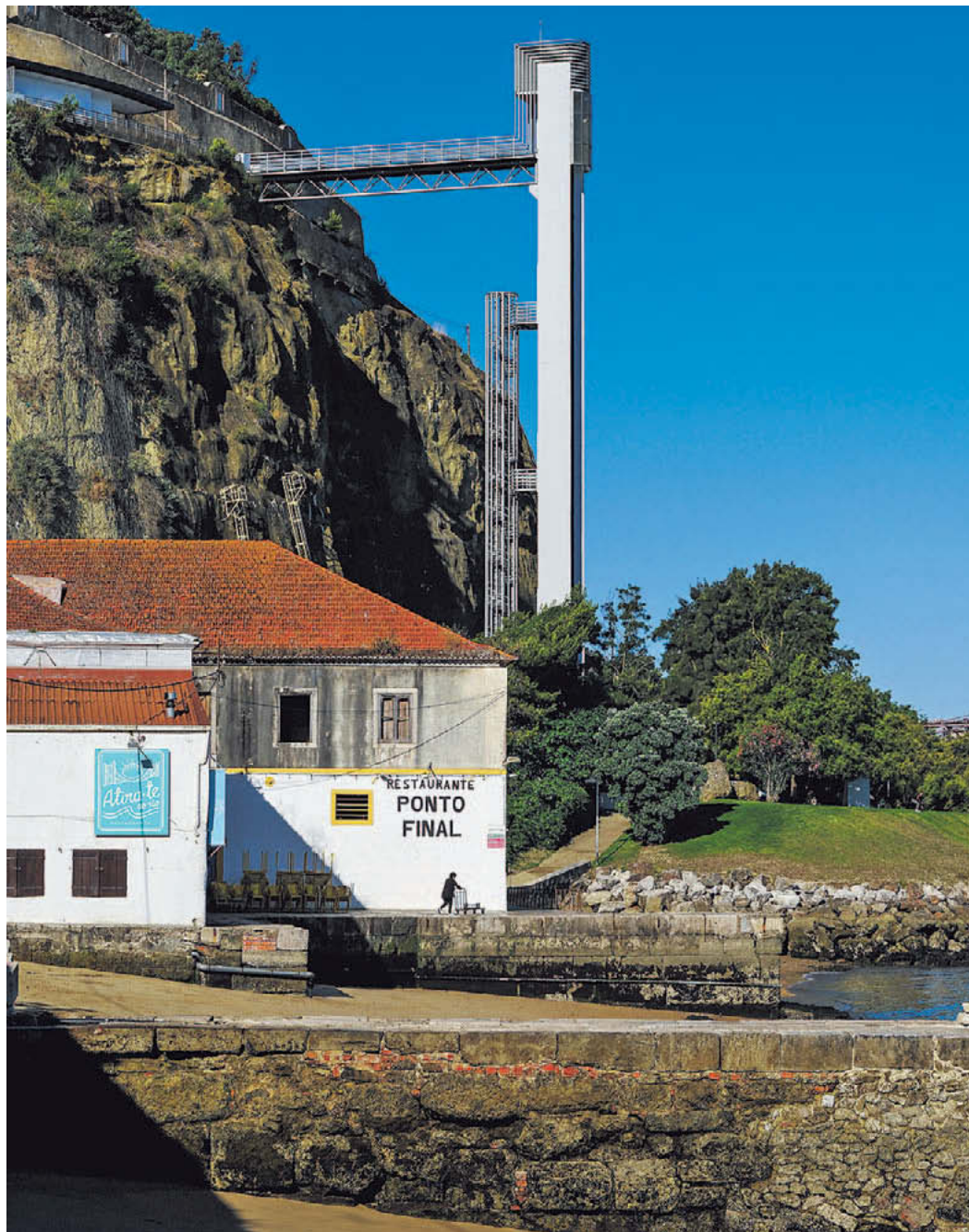
"O género é um problema não por causa do nosso aspeto ou como nos identificamos ou como nos sentimos mas por causa da forma como o mundo nos trata", disse Chimamanda. É por esse motivo que, sejam quais forem os cromossomas de Imane, é uma mulher: toda a vida foi tratada como mulher.

A forma medonha, odienta, como o mundo a está a tratar, exorcizando nela a necessidade de tão pueril, tão ignara, de certificar – senão, o que seria? – que meninas e meninos são diferentes porque "foram desenhados diferentes", usando-a sem piedade em mais uma guerra cultural, só reitera isso mesmo: é mulher, sim. És mulher.

Jornalista

Jardim do Rio. O encontro perfeito do céu com a cidade

FOTOGRAFIA **LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS**

Entre a arriba de Almada e o Rio Tejo, o Jardim do Rio apresenta-se como um espaço amplo e refrescante, local indicado para um passeio agradável pelo Cais do Ginjal, ou simplesmente para descontrair na relva junto ao Tejo. O elevador panorâmico da Boca do Vento permite o acesso ao jardim a partir do miradouro, oferecendo aos visitantes uma vista exemplar sobre Lisboa e a zona ribeirinha de Almada. Desde a Fonte da Pipa, um fontanário mandado erigir por D. João V em 1736, até aos casarios do Cais do Ginjal, o Jardim do Rio estende-se pela linha da escarpa, salientando-se como uma pequena preciosidade da frente fluvial almadense. A sua vegetação frondosa e o seu mobiliário urbano moderno casam-se perfeitamente com a frescura das águas, proporcionando um ambiente de comunhão que apazigua os sentidos.

Questionário de Proust do ChatGPT

Pedimos ao ChatGPT: "Faz-nos um questionário de Proust para podermos publicar no nosso jornal." Só que o que ele nos apresentou era muito semelhante ao original, de Proust. Então dissemos: "Dá-nos um mais divertido." O resultado foi este.

Mauro Xavier Sócio, comentador e cronista benfiquista

"Trocava de vida por um dia com Cosme Damião, no dia da fundação do Benfica"

Se pudesse ter um qualquer super poder, qual escolheria e porquê?
Controlar o tempo: viajar ao passado ou futuro, congelar ou acelerar momentos. Corrigir erros, aproveitar momentos especiais e preparar-me para o futuro.
Qual é o seu filme ou série de TV favoritos para assistir numa maratona?
Billions: As sete temporadas, 84 episódios, uma maratona de três dias e meio. Quem não viu, não deve perder.
Qual é a comida mais estranha que já experimentou?
Hákarl (tubarão fermentado): especialidade islandesa com sabor forte e peculiar, uma aventura gastronómica.
Se pudesse viajar para qualquer lugar no tempo, para onde e quando iria?
Estádio Wankdorf, 31 de maio de 1961, 21.30, Suíça: Para viver a emoção do Benfica a ganhar a sua 1.ª Taça dos Campeões Europeus.
Se fosse uma personagem de desenho animado, quem seria?
Tio Patinhas. No poupar é que está o ganho.
Qual foi a dança mais embaraçosa que já fez?
Imitar um robô ao som da Lena d'Água: *Olha o Robô!*
É p'ro menino e p'ra menina, Oiô Olha o robô!

DIREITOS RESERVADOS

Se pudesse trocar de vida com qualquer pessoa por um dia, quem escolheria?
Gostava de trocar com Cosme Damião, no dia 28 de fevereiro de 1904, dia da fundação do Benfica.
Qual é a música que sempre o faz dançar, não importa onde esteja?
Laid, James
Se tivesse de viver num filme, qual escolheria e porquê?
Trilogia *Regresso ao Futuro*: para viver aventuras com Marty McFly e Doc Brown.
Qual foi o presente mais estranho ou engraçado que já recebeu?
Recebi um pampilho, a vara longa usada pelos campinos do Ribatejo para guiar o gado
Se fosse um animal, qual seria e porquê?
Águia, símbolo do meu clube.
Qual é a sobremesa favorita, que nunca recusaria?
Abade de Priscos
Se pudesse criar um feriado, qual seria e como seria comemorado?
Dia da Criança: para ser celebrado com os pais, idealmente com jogos tradicionais, destacando a importância dos filhos e o fortalecimento dos laços familiares.
Qual é o seu *hobby* mais estranho ou incomum?
Mergulho, adoro sentir o silêncio e o exercício de estar focado apenas em respirar, algo que nunca acontece noutras situações.
Se pudesse ter qualquer celebridade como seu melhor amigo, quem escolheria?
Bono, o vocalista da banda U2 e autor do meu álbum favorito,

The Joshua Tree. A sua música e ativismo sempre me inspiraram.
Qual é a piada mais engraçada que conhece?
Todas as anedotas do menino Joãozinho.
Se pudesse falar com qualquer animal, qual seria e o que perguntaria?
Águia Vitória: queria saber qual é a sensação de voar no Estádio da Luz em dia de jogo.
Qual é o seu talento oculto, que poucas pessoas conhecem?
Fui bombeiro, 8 anos.
Se fosse uma cor, qual seria e porquê?
Encarnado... porque me faz feliz.
Qual é a palavra que mais gosta de dizer e porquê?
Manuel & Leonor, nomes dos meus filhos.
Se pudesse inventar qualquer coisa, o que seria?
Dispositivo de captura de carbono: para remover CO_2 da atmosfera e reduzir o efeito estufa.
Qual é a coisa mais ridícula que já comprou?
Uma ferradura, colocada atrás da porta, para dar sorte.
Se tivesse de comer apenas uma comida para o resto da vida, qual seria?
Peixe grelhado.
Qual é a sua memória de infância mais engraçada?
Corridas de carrinhos de rolamentos
Se fosse um meme, qual seria?
"Não havia necessidade".
Qual seria o título da sua autobiografia?
Obrigado: um tributo a todas as pessoas e momentos que marcaram a minha vida.
Se pudesse ser uma personagem de videojogo, quem seria?
Pac-Man, pelas horas que passei na minha juventude a jogar num salão de jogos.
Qual é o seu trocadilho ou piada de favorito?
Eu é mais bolos.
Se pudesse ser invisível por um dia, o que faria?
Visitava o armazém dos irmãos Nahmad, a maior coleção de arte privada do mundo.
Qual foi a coisa mais inesperada que aprendeu recentemente?
Que o mel nunca se estraga.

Portugal vai pagar 42 cêntimos por litro para retirar vinho a mais do mercado

CRISE Dos 15 milhões de euros atribuídos, 30% vão para o Douro, que terá mais 3,5 milhões do IVDP para pagar os vinhos a destilar a 75 cêntimos. Fenadegas lamenta que outras regiões de montanha não tenham direito ao mesmo tratamento.

TEXTO **ILÍDIA PINTO**

O Governo estabeleceu em 42 cêntimos o preço por litro de vinho que os produtores nacionais poderão enviar para queima, de modo a minimizarem os excedentes que têm e a arranjarem espaço nas adegas para a próxima vindima. No Douro, por se tratar de uma região de montanha, com custos de produção mais elevados, o valor será majorado em 33 cêntimos, com o pagamento, no total de 75 cêntimos por cada litro de vinho certificado entregue para destilação.

Uma valorização que a Federação Nacional das Adegas Cooperativas de Portugal (Fenadegas) compreende e aceita, mas lamenta que não seja extensiva a todas as outras regiões de viticultura de montanha no país, como é o caso do Dão, de Trás-os-Montes ou de Távora-Varosa, entre outras. "Para estes produtores, que têm custos de produção acrescidos, receber 42 cêntimos por litro não é uma ajuda, é um suicídio", diz o presidente da Fenadegas.

António Mendes não poupa nos elogios ao ministro da Agricultura, por ter conseguido que a União Europeia atribuísse 15 milhões de euros para uma nova destilação de crise em Portugal, a quarta em cinco anos, quando ninguém achava que fosse possível. Mas considera que a implementação da medida não está a ser justa. "Como é que a tutela nos dá indicações de que não podemos vender um vinho abaixo do preço de custo e quer que percamos 25 cêntimos por litro ao enviarmos os excedentes para destilação?", questiona.

Para este responsável, um milhão de euros chegaria muito provavelmente, diz, para fazer a majoração positiva das regiões de montanha. "Eu sei que, no caso do Douro, é dinheiro que sai dos cofres do IVDP (Instituto dos Vinhos do Douro e Porto), mas nós também temos dinheiro no Instituto da Vinha e do Vinho que poderia ser usado para colocar alguma justiça neste processo", considera.

Destilação vai permitir retirar 35,7 milhões de litros de vinho, 30% dos excedentes calculados pelas adegas.

PEDRO GRANADEIRO / GLOBAL IMAGENS

Sem consenso

Curiosamente, no Douro, o reforço dos apoios com recurso a verbas do IVDP não é consensual, com Rui Paredes, presidente da Federação Renovação do Douro, a lamentar que a valorização dos vinhos durienses na destilação seja feita com dinheiro que vem de taxas pagas pelo setor, "e que deviam ser alocadas à promoção".

Para o responsável, o ideal seria que o Governo "alocasse à destilação parte das verbas que ficaram por usar do *VITIS*", o programa de reestruturação e conversão de vinhas. "Pudera, as pessoas não estão disponíveis para investir. Neste momento, esta não é uma atividade lucrativa, bem pelo contrário", frisa.

Também o presidente da Associação das Empresas de Vinho do Porto considera justa a majoração do preço dos vinhos durienses, mas lembra que é feito com taxas pagas pela região. "O Governo não está a dar nada ao Douro", sustenta António Filipe, defendendo que é preciso tomar medidas estruturais, designadamente com "apoios ao abandono voluntário" da viticultura. "Não há forma nenhuma de escoarmos estas quantidades enormes que produzimos", diz, lembrando que as vendas de vinho do Porto, em volume, estão em queda continuada há mais de 20 anos.

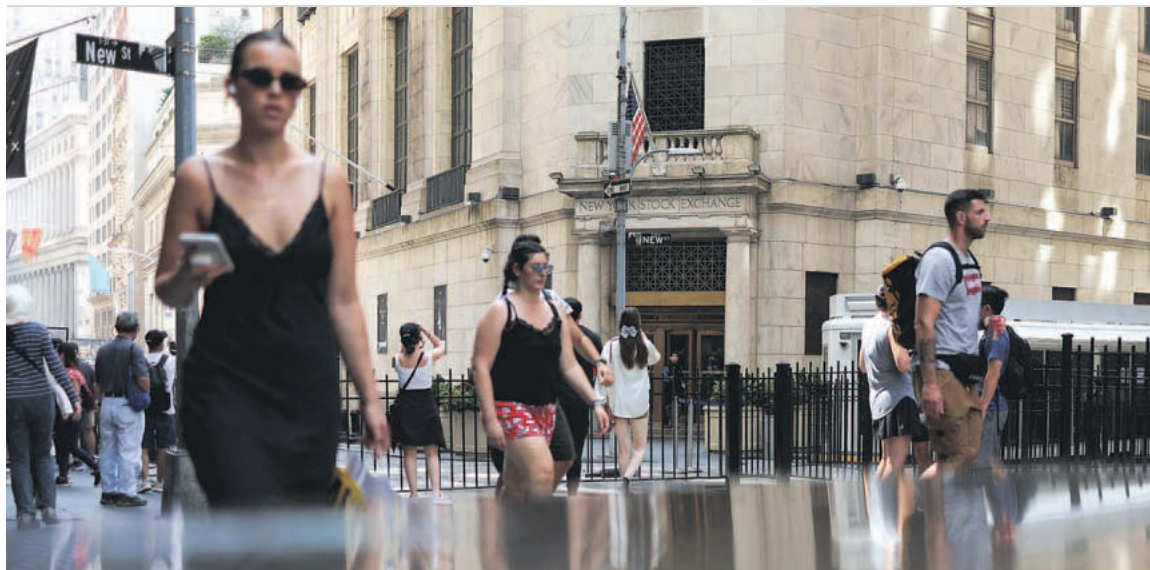
Bruxelas admitia que os 15 milhões pudessem ser "complementados, até 200%, com fundos nacionais", mas o Governo decidiu, apenas, usar cerca de 3,5 milhões de euros dos saldos de receitas próprias do orçamento do IVDP para permitir uma valorização dos vinhos da região. Sendo que, dos 15 milhões, 30% serão para escoar vinhos durienses. Significa isto que, no máximo, serão escoados por esta via 35,7 milhões de litros, dos quais 10,7 milhões no Douro. Isto quando a própria Fenadegas estima que os excedentes possam rondar os 120 milhões de litros. Outros apontam 200 milhões.

Francisco Toscano Rico, presidente da Andovi, não quer avançar para já com estimativas se as verbas disponíveis chegam ou não, quer é saber se o Governo estará disponível para disponibilizar as verbas do IVV, tal como fez no Douro.

"O IVV tem dois milhões de euros cativos do orçamento de 2024 e muitos mais em saldo de gerência", sustenta. Mas acrescenta que reforçar o envelope, só por si, "não resolve o problema, será apenas mais um paliativo".

É preciso mais fiscalização, quer da ASAE, quer dando meios às comissões vitivinícolas regionais para melhor controlarem a origem dos vinhos, designadamente os importados. Refira-se que Portugal tem vindo a importar 300 milhões de litros de vinho ao ano. Definido está já que quem importou vinho nos últimos três anos não poderá submeter excedentes à destilação.

ilidia.pinto@dinheirovivo.pt

CHARLY TRIBALLEAU / AFP

Bolsa de Nova Iorque seguiu as asiáticas e as europeias em dia de perdas mundiais.

Derrocada nas bolsas contagia praça de Lisboa

MERCADOS Risco de recessão nos EUA na origem de um movimento de venda massiva de ações. Tóquio teve a 2.ª maior queda da sua história.

A semana arrancou com perdas generalizadas nos mercados bolsistas mundiais, às quais a Euronext Lisboa não ficou imune. "A confluência de fatores negativos internacionais" esteve na origem do comportamento dos mercados, com especial foco na economia norte-americana.

O susto chegou logo pela manhã, com as notícias do Japão, onde o Índice Nikkei, da Bolsa de Tóquio, desceu 12,4%, a segunda maior queda da sua história.

As bolsas europeias seguiram o sentimento negativo, tendo as principais praças fechado com perdas acima de 1%: Madrid desceu 2,34%, Milão 2,27%, Londres 2,04%, Frankfurt 1,82% e Paris 1,42%.

Em Lisboa, o tombo foi de 1,87%, com o Grupo EDP a liderar as quedas (EDP recuou 4,71%, para 3,66 euros, e a EDP Renováveis baixou 4,21%, para 14,11 euros). Apenas duas das 16 cotadas do PSI ganharam – a Jerónimo Martins avançou 0,94%, para 16,16 euros, e o BCP, único banco que integra o PSI, subiu 0,61%, para 0,36€.

Nos Estados Unidos, o início da sessão ficou marcado por uma forte queda, alinhada com as descidas que se estavam a registar na Europa. Dez minutos após o início da sessão, o Índice Dow Jones descia 2,74% e o tecnológico Nasdaq baixava 4,55%, depois de na abertura ter chegado a cair 6,17%. O índice alargado S&P 500 perdia 4,10%.

O Banco Carregosa atribui o comportamento dos mercados a vários fatores, mas com o epicentro na situação económica dos Estados Unidos, temendo-se uma recessão.

"Os recentes dados económicos dos EUA, com números de emprego abaixo do esperado e a taxa de desemprego a 4,3% (esperava-se 4,1%), reforçaram a incerteza e o pessimismo", escreve o banco num comentário enviado ao DN/Dinheiro Vivo. Desse clima, terá resultado a predisposição para "vendas massivas, especialmente nos setores de tecnologia, banca e indústria".

"A fragilidade dos dados macroeconómicos e a elevada volatilidade esperada aumentam a prudência entre os investidores, resultando em maiores quedas nos preços das ações."

O sentimento de venda terá sido mais evidente na rotação das chamadas ações "cíclicas & de crescimento" para ações de "valor & defensivas", um movimento que o Banco Carregosa considera "típico em períodos de maior aversão ao risco".

A quedas das ações das tecnológicas, como da NVidia (-8,4%), Apple (-7,47%) e Tesla (-5,6%) "reflete a fuga dos investidores destes ativos mais voláteis e arriscados", reforça a análise.

"A fragilidade dos dados macroeconómicos e a elevada volatilidade esperada aumentam a prudência entre os investidores, resultando em maiores quedas nos preços das ações."

O preço do petróleo Brent também estava ontem a cair, negociando ao nível mais baixo desde janeiro, devido igualmente aos receios de uma recessão nos EUA e apesar do aumento da tensão no Médio Oriente.

Opinião
Luís Miguel Ribeiro

Forte expectativa para o segundo semestre

Foram publicadas pelo Eurostat e INE as estimativas do crescimento económico do 2.º trimestre de 2024 que refletem uma aceleração da economia europeia, em termos homólogos, o que sucede desde o 4.º trimestre de 2023. Por cá, verificou-se um crescimento de 1,5%.

Apesar de positivo face aos restantes países da União Europeia, apenas superado pela nossa vizinha Espanha, situa-se aquém do crescimento de 2% projetado pelo Banco de Portugal para este ano, pelo que será necessário um crescimento significativamente mais robusto no 2.º semestre.

Apesar de a informação ser escassa, é possível assinalar que é a procura interna a alavancar a economia portuguesa, sendo que face ao período em cadeia e homólogo, o contributo da procura externa líquida é negativo, ou seja, em volume, as importações superaram as exportações. Porém, esta inversão do contributo da procura externa líquida já era prevista no *Boletim Económico* de junho do Banco de Portugal.

Assim, como tenho vindo a defender, um crescimento mais robusto da economia portuguesa tem de passar pelo reforço da internacionalização, quer pela diversificação de mercados, quer pela intensificação das relações comerciais em mercados onde já estamos com uma forte presença.

Nesse sentido, permitam-me abordar os Jogos Olímpicos disputados em França, um dos maiores eventos desportivos.

Não podia estar mais orgulhoso da representação portuguesa, não só pelo desporto, mas sobretudo pela presença de inúmeros produtos de reconhecida qualidade e elevada incorporação nacional.

Para os próximos meses, é previsível que o Banco Central Europeu, a Reserva Federal, entre outros bancos centrais, optem por uma condução da política monetária menos restritiva – com cortes nas taxas de juro já nas reuniões de setembro -, fruto da tendência descendente da inflação, o que deve impulsionar a confiança dos agentes económicos e refletir-se na expansão da atividade económica a nível global.

Neste contexto, tenho fortes expectativas de que a melhoria das condições financeiras suporte a aceleração da economia portuguesa.

Aproveito para desejar umas ótimas férias!

"(...) Como tenho vindo a defender, um crescimento mais robusto da economia portuguesa tem de passar pelo reforço da internacionalização."

Presidente da AEP – Associação Empresarial de Portugal

Venezuelanos que vivem na Colômbia em protesto, no sábado.

JAIME SALDARRIAGA / AFP

UE pressiona Maduro e oposição quer ver militares "ao lado do povo"

VENEZUELA Tribunal Supremo de Justiça tinha dado até ontem ao Conselho Nacional Eleitoral para que divulgasse as provas da reeleição do presidente, contestada pela oposição e pelas ruas.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

A União Europeia (UE) exigiu ao Governo venezuelano que publique as atas eleitorais com os resultados das mesas de voto, dizendo que sem isso não pode reconhecer a alegada vitória de Nicolás Maduro. O comunicado conjunto dos 27 surgiu no domingo à noite, um dia depois de sete países europeus, um dos quais Portugal, terem feito a mesma exigência. Apesar da pressão, as atas não aparecem e ontem os líderes opositores pediram aos militares venezuelanos para que "se coloquem ao lado do povo".

"Fazemos um apelo à consciência dos militares e polícias para que se coloquem ao lado do povo e das suas próprias famílias", afirmaram Edmundo González Urruria e María Corina Machado numa carta, na qual pedem o fim da "repressão" aos protestos da oposição e oferecem "garantias aos que cumprirem com o seu dever constitucional" num eventual "novo Governo".

O apelo surge após a exigência da UE a Caracas. "Sem provas que o apoiem, os resultados publicados a 2 de agosto pelo Conselho Nacional Eleitoral (CNE) não podem ser reconhecidos", indicou, referindo-se à declaração da vitória de Maduro com 52% dos votos. Ontem terminou o prazo dado ao CNE pelo Supremo Tribunal (que Maduro também controla e a quem este pediu que "certificasse" as eleições) para a publicação das atas.

"Cópias das atas eleitorais publicadas pela oposição e revistas por diversas organizações independentes indicam que Edmundo González Urrutia parece ser o vencedor das Eleições Presidenciais por uma maioria significativa", acrescentam, pedindo o fim das "detenções arbitrárias, a repressão e a retórica violenta contra a oposição e a sociedade civil".

A UE, cujas posições sobre política externa requerem unanimidade, fica aquém de reconhecer o opositor como presidente, ao contrário do que EUA e seis países latino-americanos já fizeram.

González reagiu no X: "Agradecemos à UE por apelar ao respeito dos direitos fundamentais dos venezuelanos no seu pedido por uma verificação independente dos resultados, com base nas atas eleitorais que apresentámos e que provam a nossa vitória."

Diferente de Guaidó

Já Maduro disse que a UE é "uma vergonha" e diz "parvoíces", recordando o reconhecimento do opositor Juan Guaidó. Há cinco anos, o Parlamento Europeu (não o Conselho que não chegou a unanimidade) reconheceu o então líder da Assembleia Nacional como presidente interino da Venezuela, depois de Guaidó se proclamar chefe de Estado por considerar o cargo vago ao abrigo da Constituição – uma vez que as Eleições de 2018 não foram tidas como livres ou justas.

Na altura, meia centena de países – incluindo Portugal – reconheceram Guaidó. Mas isso de nada valeu, já que Maduro continuou no poder. O cenário era contudo diferente, como explicou ao DN a professora Nancy Elena Ferreira Gomes, da Universidade Autónoma de Lisboa. Desde logo, "a oposição não estava tão unida em torno de Guaidó" como está agora em torno de Corina Machado – que foi quem ganhou as primárias da oposição com 90% dos votos, mas que foi impedida de se candidatar, tendo apoiado González. Por outro lado, "o Governo e, inclusive, o Partido Socialista Unido da Venezuela está a fragmentar-se", afirmou.

A professora aponta ainda outra diferença. "Com Guaidó não foi evidente que quem se expressou nas ruas fosse a sociedade venezuelana. Parecia que eram alguns representantes de vários setores, mas não era tão visível quanto é agora", disse, lembrando que muitos jovens, nascidos já em pleno chavismo, também estão nas ruas.

Nancy Ferreira Gomes lembra ainda que, apesar de muitos países reconhecerem Guaidó, mantiveram as relações diplomáticas com Maduro. E quando acabaram as condições que permitiam a Guaidó proclamar-se presidente, isto é, quando foi eleita uma nova líder da Assembleia, deixou de se poder pensar nele como chefe de Estado interino e Guaidó acabou por desaparecer, exilando-se nos EUA.

Apesar de a pressão internacional não ter tido sucesso com Guaidó, a professora considera importante a pressão europeia que se está, de novo, a colocar sob Maduro. "Vai mantendo animada a população", contou, destacando também a importância de que países latino-americanos com Governos de esquerda não tenham reconhecido a vitória de Maduro e exijam as atas. O presidente brasileiro, Lula da Silva, esteve com o chileno, Gabriel Boric, defendendo "o respeito pela soberania popular" e o diálogo.

"Se a situação não se alterar e Maduro teimar em continuar pela força, espera-se uma vaga migratória enorme e veloz para os países vizinhos", afirmou a professora. Nos últimos anos, estima-se que tenham saído quase oito milhões de venezuelano.

susana.f.salvador@dn.pt

"Se a situação não se alterar e Maduro teimar em continuar pela força, espera-se uma vaga migratória enorme e veloz para os países vizinhos."

"Com Guaidó não foi evidente que quem se expressou nas ruas fosse a sociedade venezuelana. Parecia que eram alguns representantes de vários setores, mas não era tão visível quanto é agora."

Nancy Elena Ferreira Gomes
Professora da Universidade Autónoma de Lisboa

KIMIMASA MAYAMA / POOL / AFP

Depois de um primeiro mandato entre 1996 e 2001, Sheikh Hasina estava no poder desde 2008.

Ascensão e queda da "dama de ferro" do Bangladesh

RENÚNCIA Sheikh Hasina, creditada pelo progresso económico, mas também pelo crescente autoritarismo, foge após um mês de protestos.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

A primeira-ministra do Bangladesh, Sheikh Hasina, há 15 anos no poder, fugiu ontem do país, de helicóptero, após um mês de manifestações violentas que causaram quase 100 mortos só no domingo. A filha do herói da independência de 1971, que os apoiantes dizem ter sido responsável pelo progresso económico da nação asiática, mas que os críticos acusam de autoritarismo, não resistiu aos protestos contra o sistema de quotas para a contratação pública. O líder do Exército, general Waker-Uz-Zaman, anunciou a formação de um Governo interino.

Hasina, hoje com 76 anos, tinha 27 e estava a visitar a Europa com o marido e a irmã mais nova quando o pai, Sheikh Mujibur Rahman, o primeiro presidente do Bangladesh, que na altura era primeiro-ministro, foi morto num golpe de Estado em 1975 juntamente com a mulher e os três filhos. Hasina voltaria do exílio passados seis anos para assumir as rédeas da Liga Awami, o partido do pai, liderando com outros opositores os protestos pró-democracia que levaram à queda da ditadura de Hussain Muhammad Ershad já em 1990.

Eleita primeira-ministra pela primeira vez em 1996, perderia a reeleição cinco anos depois para a antiga aliada tornada opositora Begum Khaleda Zia, do Partido Nacionalista do Bangladesh, que era viúva de outro herói da independência e presidente assassinado em 1981, Ziaur Rahman.

Zia, que já tinha chefiado o Governo entre 1991 e 1996, e Hasina viriam a ser detidas por corrupção após o golpe militar de 2007. Mas, um ano depois, já depois de as acusações serem retiradas, voltaram a enfrentar-se nas urnas, com Hasina a vencer. Estava no poder desde então, sendo a mulher há mais tempo no cargo de primeira-ministra no mundo.

O Bangladesh, que era um dos países mais pobres do mundo quando se tornou independente do Paquistão, cresceu a uma média de mais de seis pontos percentuais por ano desde 2009. Hasina recebe os créditos pelo progresso económico, assente na indústria têxtil, que permitiu que mais de 25 milhões de pessoas saíssem da pobreza nas últimas duas décadas, segundo o Banco Mundial.

O Bangladesh tem cerca de 170 milhões de habitantes.

Mas à medida que os anos foram passando, foram aumentando também as críticas de perseguição aos opositores, muitos mortos ou detidos, e às vozes dissidentes. Em janeiro, Hasina venceu um histórico quarto mandato, mas com acusações de que as eleições não foram livres. Os que pediam que se demitisse eram acusados de ser terroristas, com a primeira-ministra a prometer responder com mão de ferro.

Os protestos que começaram há um mês e fizeram mais de 250 mortos foram a gota de água. Tudo começou por causa do sistema de quotas para a contratação pública, que garante mais de 50% dos cargos aos descendentes dos que lutaram na guerra da independência e outras minorias. Os trabalhos na Função Pública são mais bem pagos e muitos queixam-se de que não têm oportunidade por causa das quotas – o desemprego jovem ronda os 15%. Mas o que começou com as quotas evoluiu para a contestação à própria Hasina, a "dama de ferro da Ásia", com os manifestantes a invadirem ontem a Residência Oficial – já após a sua fuga para a Índia – e a festejar a sua renúncia.

susana.f.salvador@dn.pt

Kamala: sete Estados-chave em cinco dias com o seu N.º 2

EUA Democrata vai apresentar hoje o seu candidato a vice-presidente, após duas semana s de especulação.

Há pouco mais de duas semanas, Kamala Harris passou de vice-presidente à procura de um novo mandato a candidata a presidente dos EUA, após Joe Biden ter decidido desistir da corrida. E viu-se na necessidade de procurar alguém para ser o seu candidato a vice-presidente. Uma escolha que demora normalmente meses, mas que teve que ser apressada. Harris começa hoje com o escolhido um périplo de cinco dias por sete Estados-chave, numa tentativa de manter o ímpeto nas sondagens para o grande duelo com Donald Trump.

A ex-procuradora de 59 anos terá reduzido a sua escolha a duas possibilidades: o governador da Pensilvânia, Josh Shapiro, ou o governador do Minnesota, Tim Walz.

De fora terá ficado o senador Mark Kelly, do Arizona, segundo indicavam ontem as fontes da Reuters. A decisão era esperada a qualquer momento, com um anúncio através das redes sociais, com a única certeza a de que os dois iriam surgir pela primeira vez em campanha na tarde de hoje, numa universidade de Filadélfia, na Pensilvânia.

Ao longo dos próximos cinco dias, os dois vão percorrer sete dos chamados *swing states* – que tanto votam nos candidatos democratas, como nos republicanos – e que são cruciais para as Eleições Presidenciais de novembro.

Depois da Pensilvânia, os dois viajam até ao Wisconsin, Michigan, Carolina do Norte, Geórgia, Arizona e Nevada, segundo indicou a campanha. **S.S.**

Motins: Starmer promete condenações "rápidas"

REINO UNIDO Quase 400 pessoas foram detidas por violência, e autoridades dizem que número vai subir.

O primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, prometeu ontem condenações "rápidas" para os responsáveis pelos motins dos últimos dias no país, depois de quase 400 pessoas terem sido detidas. Um número que as autoridades acreditavam que vá aumentar, à medida que forem sendo identificados mais suspeitos da violência.

Starmer, que reuniu ontem o Gabinete Cobra que gere as respostas às crises, garantiu que o Governo vai "fortalecer a justiça criminal" para garantir sanções "rápidas", numa altura em que o país está chocado com as imagens de ataques a abrigos para requerentes de asilo e mesquitas, assim como saques a lojas e confrontos com a polícia.

Starmer anunciou que será criado um contingente permanente de agentes treinados para serem destacados em caso de novos distúrbios. "O meu objetivo é garantir que acabemos com estes distúrbios", afirmou.

A violência rebentou depois de três crianças, uma delas com nacionalidade portuguesa, terem sido mortas durante um evento de dança, em Southport. Os ataques começaram nesta localidade, mas espalharam-se a outras, alimentados pelo rumor – falso – de que o jovem responsável era um requerente de asilo muçulmano. Na realidade, nasceu no País de Gales e é filho de pais do Ruanda. A extrema-direita alimentou o rumor através das redes sociais.

Análise
Germano Almeida

O lado negro da recuperação

A Economia é sempre um tema relevante para uma Eleição Presidencial norte-americana, mas deixou de ser um barómetro decisivo para sabermos quem vai ser o próximo presidente dos EUA.

Até à emergência da polarização extrema, se a Economia corria bem, geralmente os Presidentes em funções (ou quem herdava a respetiva Administração) eram reeleitos; se corria mal, o mais provável era falharem a eleição. Era o tempo do "É a Economia, estúpido", certeiramente elencado por James Carville, estratega político de Bill Clinton, em 1992.

A corrida de 2016 mudou esse paradigma. Depois de oito anos de recuperação económica com Barack Obama, na sequência da maior recessão desde os Anos 30 do século XX, Hillary Clinton perdeu para Donald Trump. Temas como a identidade ou o receio da imigração terão contado mais.

Para esta eleição de 2024, a dúvida ganha maior dimensão.

Joe Biden endossou em Kamala Harris a herança política desta Administração. Alguns dados macroeconómicos parecem beneficiar as oportunidades de reeleição: o desemprego está globalmente baixo; a inflação reduziu muito mais rápido do que se esperava, depois do pico de 9,1% há dois anos (está agora nos 3%); os EUA foram o país do G7 com maior crescimento económico nos anos 2022 e 2023 (fruto de um mercado de trabalho forte e inflação em queda). Os EUA registaram um crescimento de 3,3% no quarto trimestre de 2023 e de 2,5% no global de 2024, bem acima das restantes economias G7.

A taxa de desemprego nos Estados Unidos manteve-se abaixo dos 4% no último ano e meio, num patamar historicamente baixo. Nestes três anos e meio de Presidência Biden foram criados quase 16 milhões de empregos na América: nunca um presidente criou tantos novos postos de trabalho em tão pouco tempo. E embora os preços tenham subido significativamente, os salários reais também cresceram com robustez. Mais importante ainda: as famílias de baixo rendimento foram quem mais registou ganhos no salário real.

A inflação elevada tem sido uma experiência dolorosa para muitos americanos e tem vindo a moldar a sua visão sobre a economia. Mas o mercado de trabalho forte ajudou na criação de riqueza, motor da procura e do poder de compra dos consumidores.

O problema é que os dados mais recentes da Economia parecem mostrar o lado negro da recuperação "*Bidenomics*", política baseada em fortes investimentos (o que ajudou a ultrapassar rapidamente a queda covid, mas terá influenciado o agravamento da inflação, antes deste período de rápida descida, graças à política bem-sucedida de aumento dos juros).

A taxa de desemprego subiu de 4,1% para 4,3%, a mais alta desde outubro de 2021. A juntar a este aumento no desemprego, a retração nos ganhos salariais e o abrandamento do crescimento salarial estão a alimentar receios de recessão e a reforçar o argumento da Reserva Federal (Fed) para reduzir as taxas de juro, possivelmente de forma acentuada, já em setembro.

As contratações nos EUA desaceleraram substancialmente em julho: apenas 114 mil empregos criados – muito abaixo dos 175 mil previstos e cerca de metade do valor mensal médio do último ano (que estava bem acima dos 200 mil) e também abaixo da média mensal do último trimestre: 169 mil.

Para agravar o quadro de um mercado de trabalho em declínio, os ganhos de emprego em maio e junho foram revistos em baixa num total de 29 mil.

Baixa de juros para setembro

Perante este cenário ganha força a tese de que chegou o tempo de a Fed cortar as taxas de juro, já em setembro – provavelmente no primeiro de, pelo menos, dois cortes de juros que se aproximam.

A forte desaceleração nas folhas de pagamento em julho e o aumento acentuado na taxa de desemprego tornam inevitável esse caminho, possivelmente com uma baixa de meio ponto percentual em vez de 0,25%. Há até, de resto, economistas que defendem que o corte dos juros já devia ter ocorrido na semana passada, perante o receio de vir aí uma recessão.

O presidente da Fed, Jerome Powell, destaca, por enquanto, que houve progressos notáveis na redução da inflação e que o banco central poderá reduzir a sua taxa de juro diretora já em setembro, caso "o mercado de trabalho enfraquecer significativamente".

Os reflexos para novembro

Quanto é que tudo isto vai pesar a 5 de novembro?

"A economia controla tudo", apontou um executivo de vendas da Carolina do Sul, Chris Stinson, citado pela *Voice of America*. "Sem dúvida, é com isso que estou mais preocupado e é nisso que estarei a pensar quando votar em novembro."

Sondagem divulgada no início de julho pela CNN mostrou que 36% dos entrevistados disseram que a economia é a questão mais importante na decisão de como votar. "Proteger a democracia" ficou em segundo lugar. Voltemos a Stinson. "Em quem confio para a economia? Estou indeciso. Os democratas parecem orgulhosos de serem antinegócios e pró-regulação, mas Trump ajudou-nos a iniciar este caminho de inflação devastadora quando introduziu todo aquele estímulo covid. O que sei são todas essas outras questões sobre as quais os democratas gostam de falar – coisas como prejudicar homens brancos como eu, adicionando regulamentações sempre que podem –; as pessoas não se importam com a saúde dos oceanos ou com que género usa que casa de banho, quando a grande questão é: 'Estou desempregado e não consigo encontrar emprego'."

Será que, no momento do voto, é mesmo a Economia que vai contar mais? Ou só uma certa perceção – possivelmente errada – disso?

Depois de oito anos de recuperação económica com Barack Obama, na sequência da maior recessão desde os Anos 30 do século XX, Hillary Clinton perdeu para Donald Trump. Temas como a identidade ou o receio da imigração terão contado mais. Para esta eleição de 2024, a dúvida ganha maior dimensão."

Especialista em Política Internacional

avisos, tribunais e conservatórias

AVISO (Extrato)

PROCEDIMENTO CONCURSAL COMUM, DE RECRUTAMENTO URGENTE, PARA PREENCHIMENTO DE 2 (DOIS) POSTOS DE TRABALHO NA CATEGORIA DE ASSISTENTE DA CARREIRA MÉDICA, NA ÁREA DA SAÚDE PÚBLICA – ESPECIALIDADE DE SAÚDE PÚBLICA

Faz-se público que se encontra aberto o seguinte procedimento concursal comum, de recrutamento urgente, para constituição de relação jurídica de emprego privado sem termo, cujo contrato será celebrado nos termos do Código do Trabalho e demais legislação laboral privada aplicável:

1 – Entidade contratante: Serviço de Saúde da Região Autónoma da Madeira, EPERAM.

2 – Número e caracterização dos postos de trabalho a ocupar: 2 (dois) postos de trabalho, para a categoria de assistente da carreira médica, na área da Saúde Pública – especialidade em Saúde Pública, cujo conteúdo funcional corresponde ao estabelecido no n.º 1 da cláusula 13.º do Acordo de Empresa publicado no JORAM, n.º 14, III Série, de 21 de julho de 2023 e no n.º 1 do artigo 7.º -C do D.L. n.º 176/2009, de 4 de agosto aditado pelo D.L. n.º 266-D/2012, de 31 de dezembro.

3 – Área de formação académica e/ou profissional exigida: licenciatura ou mestrado integrado em Medicina e grau de especialista em Saúde Pública, bem como ter inscrição na Ordem dos Médicos e ter a situação perante a mesma devidamente regularizada.

4 – Prazo de candidatura: 5 (cinco) dias úteis, contados da data da publicação do aviso integral de abertura do procedimento concursal no *Diário da República*.

5 – Em situações de igualdade de valoração aplicam-se os critérios de ordenação preferencial previstos na cláusula 24.º do Anexo II do Acordo de Empresa supraidentificado.

5.1 – Atento ao disposto na Lei n.º 4/2019, de 10 de janeiro, o candidato com deficiência com um grau de incapacidade igual ou superior a 60%, devidamente comprovada, tem preferência em caso de igualdade de classificação, não se aplicando os critérios de ordenação preferencial referidos no ponto 16. do aviso integral.

6 – Publicação Integral: O Aviso Integral encontra-se publicado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 149, de 2 de agosto de 2024, como Aviso n.º 27/2024/M/2 e disponibilizado na página eletrónica do SESARAM, EPERAM, em www.sesaram.pt – O SESARAM – Recrutamento.

5 de agosto de 2024

O Presidente do Conselho de Administração
Herberto Rúben Câmara Teixeira de Jesus

NOVA SCHOOL OF BUSINESS & ECONOMICS

Publicita-se a abertura de procedimentos de recrutamento de pessoal para a NOVA School of Business and Economics, aos quais podem candidatar-se indivíduos que reúnam as condições fixadas nos avisos disponíveis no seguinte endereço:

https://www2.novasbe.unl.pt/pt/sobre-nos/junte-se-a-nova-sbe

» Referência NOVASBE.CT.82.2024

– 1 Técnico Superior para exercer funções na área Docência & Investigação na NOVA SBE, em regime de contrato individual de trabalho por tempo indeterminado.

O prazo-limite para submissão das candidaturas é de 6 dias úteis a contar da data da publicação do presente anúncio.

CARTÓRIO NOTARIAL DE LOURES
A CARGO DA NOTÁRIA
ROSA MATOS ALVES

JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

Certifico, para efeitos de publicação, que foi lavrada neste Cartório, no dia um de agosto de dois mil e vinte e quatro, exarada a folhas sessenta e seis, do Livro de Notas para Escrituras Diversas número Quatrocentos e Dez - A, uma *Escritura de Justificação*, na qual, Francisco José da Conceição Canto e mulher, Maria Júlia dos Santos Jorge Canto, casados sob o regime da comunhão geral de bens, residentes na Rua Nossa Senhora da Conceição s/n, Vila Mateus, Botica, Loures, declaram que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores do prédio urbano, sito em Tojalinho, freguesia e concelho de Loures, inscrito na respetiva matriz predial cadastral sob o artigo 3089, o *qual teve a sua origem no artigo 567, da freguesia de Loures,* não descrito na Segunda Conservatória do Registo Predial de Loures.

Que o referido imóvel lhes pertence por estarem eles justificantes na posse dele há mais de quarenta anos, sendo, assim, uma posse pacífica, contínua, pública e de boa-fé, pelo que adquiriu o identificado imóvel por usucapião, o que invoca para justificar do direito sobre tal imóvel para fins de registo na citada Conservatória.

Loures, 1 de agosto de 2024

A Notária em substituição

João Neves no PSG é a 3.ª maior transferência do mercado e a 6.ª da história do Benfica

MERCADO Médio rende já 60M€ e foi oficializado no clube parisiense até 2029. Renato Sanches fez o percurso inverso e foi anunciado pelos encarnados como reforço até final da época e com opção de compra no valor de 10M€.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

Nem João Neves queria mesmo ir embora do Benfica, nem o clube o pressionou a sair. O que aconteceu foi uma união de vontades/interesses de ambas as partes. Ou, como justificou o presidente Rui Costa, "não dá para abdicar" de verbas de 70 milhões de euros. É esse o valor da transferência do médio de 19 anos. O PSG paga 59 921 587 euros pelo passe do jogador, mas a verba pode aumentar mediante uma "remuneração variável" associada a objetivos, pelo que o negócio poderá atingir o montante líquido de 69 908 518 euros.

O valor pago pelo passe de João Neves faz do português a terceira maior venda deste mercado até agora, depois de Moussa Diaby, que trocou o Aston Villa pelo Al-Ittihad por 60 milhões de euros e de Leny Yoro, que foi contratado pelo Manchester United e rendeu 62M€ ao Lille.

E faz dele a sexta maior venda da história do Benfica. No *Top*-5 estão, Gonçalo Ramos, também ele transferido para o emblema parisiense, por 65M€, e o defesa-central Rúben Dias, transferido para o Manchester City no arranque da temporada 2020-21, por 68M€. Já o uruguaio Darwin Núñez saiu por 75M€ fixos para o Liverpool em 2022. Valor apenas superado pela venda de João Félix, por quem o Atlético de Madrid pagou 120M€ em 2019, sendo a lista dos mais caros liderada por Enzo Fernández, que, em janeiro de 2023, saiu por 121M€ para os ingleses do Chelsea.

"Se eu quisesse mesmo ir embora, e se o Benfica quisesse mesmo que eu fosse embora, já tínhamos resolvido isto há muito tempo. Tentámos até ao máximo e chegámos a um consenso. Achámos o melhor para as duas partes, em termos financeiros é bom para o clube e é bom para mim", disse João Neves, garantindo, assim, que a saída não foi mediante pressão: "Quando acordámos o momento para eu sair, o presidente [Rui Costa] meio que mostrou uma lagrimazinha, e eu também, chorámos um bocado os dois."

PSG

BENFICA

João Neves vai jogar no PSG e Renato Sanches de volta ao Benfica... mantém o número 85 na camisola.

O médio junta-se a Danilo Pereira, Nuno Mendes, Vitinha e Gonçalo Ramos no clube parisiense e admitiu que o desafio de jogar no PSG "assusta" um pouco, porque significa sair da sua zona de conforto e deixar uma casa onde sempre foi "muito acarinhado". O algarvio deixou ainda uma garantia: "Sou Benfica e serei sempre Benfica."

João Neves, "um diamante em bruto", segundo se pode ler nas redes sociais do PSG, assinou pelos Campeões Franceses até junho de 2029. Nasser Al-Khelaïfi, diretor-geral do PSG, assumiu estar "muito satisfeito" com a contratação de "um dos jogadores mais talentosos de Portugal e do mundo".

Renato Sanches de volta

O Benfica oficializou ainda o regresso de Renato Sanches à Luz, por empréstimo do PSG. Os encarnados ficaram ainda com uma opção de compra do passe do médio de 26 anos válida por 10 milhões de euros, que pode ser exercida no final da época.

Em declarações à BTV, o jogador confessou que voltar ao clube de toda a vida sempre esteve na sua mente e mostrou-se pronto "a ajudar" e a "tornar a equipa mais forte". O médio *Made in* Benfica vai voltar a vestir a camisola 85 e deixou promessas de dedicação e trabalho: "Estou cá para ajudar, para dar o melhor, para fazer a equipa mais forte e ganhar o que temos para ganhar este ano."

A treinar com o plantel liderado por Roger Schmidt, o Campeão da Europa de seleções em 2016, vê assim oficializada a volta ao clube que o formou. Peça-chave na conquista do Tricampeonato na época 2015-16, Renato Sanches fechou a época com 35 jogos e dois golos apontados, sendo depois contratado pelo Bayern Munique. Não vingou. Seguiu-se um empréstimos ao Swansea (Inglaterra), antes de assinar pelo Lille (França) e ser Campeão Francês. Depois mudou-se para o PSG, que o emprestou à AS Roma (Itália) na época passada.

isaura.almeida@dn.pt

Triatlo consegue um “maravilhoso” 5.º lugar e o sexto diploma para Portugal

PORTUGUESES Vasco Vilaça, Melanie Santos, Ricardo Batista e Maria Tomé chegaram a ter as medalhas no horizonte em Paris, mas esse é “um sonho” adiado para Los Angeles2028. No atletismo, Irina Fernandes ficou no 9.º lugar no lançamento do disco.

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

E vão seis diplomas para Portugal. A equipa mista de triatlo composta por Ricardo Batista, Melanie Santos, Vasco Vilaça e Maria Tomé alcançaram ontem o 5.º lugar da estafeta mista, numa prova ganha pela Alemanha, com os Estados Unidos a conquistarem a Prata ao cortarem a meta à frente da Grã Bretanha, após as dúvidas terem sido desfeitas no *photo finish*.

A Missão Portuguesa aproxima-se do recorde de 15 diplomas (atribuído a quem fica entre o 3.º e o 8.º lugar) alcançados em Tóquio2020 e que foi definido como meta para Paris2024 pelo Governo e pelo Comité Olímpico. Se o conseguir, bem pode agradecer ao triatlo, que, à sua conta, contabiliza o 5.º lugar de Vasco Vilaça e o 6.º de Ricardo Batista na prova individual masculino.

Além dos triatletas também Gabriel Albuquerque (5.º lugar) na ginástica de trampolins, Nélson Oliveira (7.º) na prova de contrarrelógio no ciclismo de estrada e Inês Batista (8.º) no tiro com arco conquistaram diplomas. Quanto a medalhas, apenas a judoca Patrícia Sampaio alcançou esse feito ao garantir o Bronze.

Melanie Santos, de 29 anos, lembrou que a equipa portuguesa manteve “sempre o contacto com as medalhas” durante a prova, atribuindo ao nervosismo o facto de não ter sido alcançado esse sonho. Ainda assim, destacou a “prova incrível” que fizeram: “Estivemos todos no nosso melhor e o diploma olímpico na nossa estreia é incrível. Temos de estar orgulhosos.”

Ricardo Batista, de 23 anos, que iniciou a prova e fez uma falsa partida que valeu uma penalização de 10 segundos, assumiu que “todos estiveram muito bem”, razão pela qual “não era possível pedir um melhor resultado”, embora tenha admitido que durante a competição chegou “a acreditar numa medalha”. Já Vasco Vilaça, de 24 anos, lembrou que os três diplomas alcançados pelo triatlo em Paris “é algo que poucos outros desportos conseguem fazer” e “mostra o potencial” desta modalidade “para o futuro”. O triatleta assumiu que deu “tudo o que tinha”, lamentando que, na transição, não tenha deixado “um bocadinho mais de espaço para a Maria Tomé sair com a atleta americana” para, dessa forma, lutar pela medalha “até ao final”. A portuguesa de 23 anos que finalizou o percurso e segurou o 5.º lugar admitiu ter tido “uma grande responsabilidade”, mas lá foi dizendo que “foi maravilhoso” o lugar que alcançaram.

Este jovem quarteto apontou já ao Jogos de Los Angeles2028, depois de uma excelente primeira participação. “Os sonhos vão continuar, nós não vamos deixar de sonhar. Tenho a certeza absoluta que em Los Angeles, esteja lá eu ou outra equipa – o triatlo português continuará a sonhar”, garantiu Vilaça, enquanto Ricardo Batista se mostrou esperançado de que em 2028 a equipa portuguesa de estafetas mista “vai melhorar a forma e, por isso, lutar por lugares melhores”.

Vasco Vilaça voltou a lembrar que a Medalha de Prata de Vanessa Fernandes em Pequim2008 inspirou a sua geração. “Vi depois da prova individual, que ela tinha deixado umas palavras de agradecimento e que também tinha ficado em lágrimas. Acho que isso mexe muito connosco, também, e é muito bonito, porque ela é o nosso ídolo, não é? É muito bonito ter esse apoio dela”, frisou.

Vasco Vilaça, Maria Tomé, Ricardo Batista e Melanie Santos garantiram o terceiro diploma para o triatlo português em Paris.

HUGO DELGADO / LUSA

EPA / CHRISTIAN BRUNA

O melhor lançamento de Irina Rodrigues foi a 61,19 metros.

PORTUGUESES HOJE EM AÇÃO

9.05 – Salomé Afonso (Atletismo, eliminatórias dos 1500 metros)
9.20 – Leandro Ramos (Atletismo, qualificação do lançamento do dardo)
10.15 – Agate Sousa (Atletismo, qualificação para o salto em comprimento)
10.20 – Cátia Azevedo (Atletismo, repescagem para meias-finais dos 400 metros)
10.30 – João Ribeiro/Messias Baptista
(Canoagem, eliminatórias K2 500 metros; quartos-de-final às 13.30)
11.13 – Mafalda Pires de Lima (Vela, regatas 6 a 10 da Classe *Kite*)
11.15 – Diogo Costa/Carolina João (Vela, regatas 7 a 10 da Classe 470)
19.07 – Fatoumata Diallo (Atletismo, meias-finais dos 400 metros barreiras)

Faltaram 19 centímetros a Irina

Irina Fernandes foi 9.ª classificada na prova do lançamento do disco, com 61,19 metros, marca que não lhe permitiu fazer os três últimos ensaios da final para atribuição das medalhas e dos diplomas, ficando a 19 centímetros desse objetivo.

O dia no atletismo não foi brilhante, pois Lorène Bazolo: falhou o apuramento para as meias-finais dos 200 metros, tendo sido 4.ª classificada da sua série, de nada valendo a sua melhor marca da época com 23.08 segundos.

Eliminado foi ainda João Coelho na repescagem para as meias-finais dos 400 metros masculinos ao ser 5.º na sua série. Já nas eliminatórias de 400 metros femininos, Cátia Azevedo foi última da sua série, pelo que irá hoje tentar a repescagem para as meias-finais.

Portugal eliminado pelo Brasil

A equipa masculina de ténis de mesa foi eliminada pelo Brasil nos oitavos-de-final do torneio olímpico, ao perder por 3-1. Marcos Freitas foi o único a vencer um jogo, levando a melhor sobre Teodoro Guilherme (3-0), tendo João Geraldo perdido com Hugo Calderano (3-0) e com Vítor Ishiy (3-1). No desafio de pares os brasileiros venceram a dupla composta por Freitas e Tiago Apolónia por 3-0.

Também infeliz foi Duarte Seabra no hipismo, pois falhou o apuramento para a final dos saltos por obstáculos, ficando no 48.º lugar, numa prova em que se apuravam os 30 melhores.

Finalmente, na vela o dia foi marcado pela falta de vento para a competição, pelo que apenas Mafalda Pires de Lima esteve em ação na Classe *Kite*, tendo completado a 5.ª regata (única do dia) em 15.º lugar, caindo assim para 14.º posto da geral.

Quanto a Eduardo Marques foi prejudicado pelo cancelamento das regatas 9 e 10, pelo que ficou fora da final, pois ficou em 11.º na classificação geral.

carlos.nogueira@dn.pt

Duplantis imortal no dia em que Simone Biles fez vénia a Rebeca

BOM E MAU Sueco conquistou o Ouro com Recorde Olímpico e Mundial no salto com vara. Ginasta norte-americana falhou como nunca e ajudou a coroar uma italiana na trave e a brasileira no solo.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

O fenómeno Armand "Mondo" Duplantis continua a crescer. O sueco sagrou-se ontem bicampeão olímpico do salto com vara e juntou o ouro de Paris2024 ao tetracampeão mundial (*indoor* e *outdoor*), às três finais da Liga Diamante, ao tricampeonato europeu, ao recorde do Mundo e à melhor marca olímpica.

Já com a prova ganha, Duplantis bateu o recorde olímpico do brasileiro Thiago Braz (6,03m, do Rio2016) passando a fasquia dos 6,10m e foi depois à procura de bater a melhor marca mundial – 6,24m, conseguida a 20 de abril – que já era sua. Numa espécie de duelo com ele próprio, o saltador conseguiu colocar o recorde do Mundo nos 6,25m levando o Stade de France ao delírio.

O sueco conseguiu a proeza de manter 90 mil adeptos e os adversários à espera de um feito inédito e saiu aplaudido de forma apoteótica à terceira tentativa. Na ausência de Thiago Braz (ausente por castigo, após acusar *doping*) e francês Renaud Lavillenie (ausente por lesão), foi o norte-americano Kendricks (5,95m) e o grego (5,90m) que deram mais luta ao imortal atleta sueco. Foi a 12.ª prova internacional que ganhou este ano... em outras tantas tentativas.

EPA/ANNA SZILAGYI

Duplantis foi rei no salto com vara.

A vénia da melhor de sempre

A melhor ginasta de todos os tempos também falha. Simone Biles competia para bater o recorde de ouro e até tornar-se a atleta mais medalhada de sempre, mas teve um dia mau na trave e no solo, ficando fora das medalhas no primeiro exercício e despediu-se de Paris2024 com uma prata.

Os ouros por equipas, no concurso completo *all-around*, e no salto fizeram Biles sonhar com mais, mas ontem, no último dia das competições de artística, uma queda na trave colocou-a num inesperado quinto lugar, numa prova em que a italiana Alice D'Amato foi rainha, à frente da chinesa Zhou Yaquin e da compatriota Manila Esposito.

No solo, a brasileira Rebeca Andrade impediu o último ouro para Biles, que errou como nunca e acabou a reconhecer a mais valia de Rebeca com uma vénia à brasileira, a nova campeã olímpica no solo. A norte-americana Jordan Chiles ficou com o bronze.

Aos 27 anos, a ginasta norte-americana mostrou em Paris estar recuperada dos problemas de saúde mental que a afetaram em Tóquio2020, e arrecadou três ouros e uma prata, totalizando 11 medalhas olímpicas, sete de ouro. Simone Biles continua a dois ouros do recorde, na posse da ginasta soviética Larisa Latynina e da nadadora Katie Ledecky, que este Jogos. A questão é se ela vai tentar ir a Los Angeles2028 ... com 31 anos.

isaura.almeida@dn.pt

GABRIEL BOUYS / AFP

Rebeca foi melhor que Simone Biles no solo e sagrou-se campeã.

TOP-10 DE MEDALHAS

País	Total	Ouro	Prata	Bronze
1.º China	53	21	18	14
2.º Estados Unidos	77	20	29	28
3.º Austrália	32	13	11	8
4.º França	45	12	15	18
5.º Grã-Bretanha	42	12	13	17
6.º Coreia do Sul	26	11	8	7
7.º Japão	26	10	5	11
8.º Itália	26	9	10	7
9.º Países Baixos	16	6	5	4
10.º Alemanha	15	6	5	4
48.º PORTUGAL	**1**	0	0	1

BREVES

Reviravolta vale final do futebol à seleção espanhola

A Espanha qualificou-se ontem para a final do torneio olímpico de futebol ao vencer Marrocos (2-1), com reviravolta, e aguarda pelo desfecho do duelo França-Egito para saber com quem vai lutar pelo ouro. No Estádio Vélodrome, em Marselha, a equipa africana adiantou-se no marcador aos 37 minutos, graças a um penálti convertido por Soufiane Rahimi. A vantagem dos marroquinos durou até ao minuto 66, altura em que Fermín López restabeleceu a igualdade, abrindo caminho para Juanlu Sánchez operar a reviravolta, aos 86. Os espanhóis já sabem que, no mínimo, vão arrecadar a medalha de prata, enquanto os marroquinos vão tentar o bronze. A campeã em 1992 regressa à final três anos depois de perder em Tóquio2020 com o Brasil (2-1), atual bicampeão.

Beatrice Chebet conquista ouro nos 5000 metros

A queniana Beatrice Chebet é a nova campeã olímpica dos 5000 metros. Ontem, numa final frenética, a queniana de 24 anos venceu ao *sprint* impondo-se à compatriota Faith Kipyegon (que acabou desclassificada), cruzando a linha de meta com um tempo de 14:28.56 – bem próximo do recorde olímpico (14:26.17, de Vivian Cheruiyot, em 2016). Depois de Kipyegon ser desclassificada devido a um incidente com a etíope Gudaf Tsegay, a neerlandesa Sifan Hassan, ficou com a prata e a italiana Nadia Battocletti, que bateu o recorde nacional italiano (14:31.64), subiu ao último lugar do pódio. Na final do lançamento do disco, a norte-americana Valarie Allman revalidou o título, com um lançamento de 69.50m, à frente da chinesa Bin Feng (67.51) e a croata Sandra Elkasevic (67.51m).

O trio da aventura improvisada.

VICENTE POUSO

Yellow: doçura mexicana com vénia a Wes Anderson

TELEVISÃO Um encontro improvável entre duas fugitivas e um taxista é o ponto de partida de uma ótima série mexicana. Em estreia mundial hoje, nos canais TVCine, *Yellow* traz ficção fofinha, com polícia e perseguições pelo meio.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

É entre a desistência da vida e o imperativo da fuga que tudo começa. Um taxista de olhos tristíssimos está à beira do suicídio quando duas jovens e alegres assaltantes, carregadas com o embrulho de uma estátua, lhe pedem boleia no meio de nenhures, surpreendidas pela aparente sorte grande que lhes caíra do céu. De tão animadas, ao sentarem-se no banco de trás, nem se apercebem do semblante pesado de Richie, esse taxista que não contava chegar com vida ao fim do turno da noite. Elas, que se apresentam com os diminutivos Dan e Nico, estão, por sua vez, dispostas a tudo para chegar à fronteira com a obra de arte roubada – nem que tenham de matar o dito rapaz deprimido ao volante da viatura amarela (o que, para ele, entenda-se, seria o arrumar do assunto). Mas como a dupla de fugitivas não sabe usar as mudanças manuais do carro, só lhe resta obrigar o desalentado condutor a embarcar na aventura... Por outras palavras: desde o início, seja pela adrenalina de um ato ilícito ou pelo nervosismo perante a iminência da morte, os batimentos cardíacos aceleram em *Yellow*, a série que hoje se estreia mundialmente, e em exclusivo por cá, no TVCine Edition (22.10).

Pois bem, os corações batem e nós vemos uma ilustração visual desses batimentos, ou não fosse a comédia dramática de Sofía Auza um exemplo mimoso do tipo de ficção que pega em temas funestos ou violentos para lhes dar um tom engraçado, respeitando a melancolia nas entrelinhas.

Aliás, já era assim com a anterior, e primeira, longa-metragem da cineasta mexicana, *Adolfo*, que lhe valeu um Urso de Cristal no *Festival de Berlim* de 2023: aí, uma rapariga vestida como a pioneira da aviação Amelia Earhart, um menino tristonho e o seu cato encontram-se numa isolada estação de autocarros, acabando por partilhar uma noite extravagante e sarar mágoas pelo caminho...

Convenhamos que, a partir desta sinopse, poderá ficar mais claro para o leitor de onde vem a essência de *Yellow* e os seus cinco episódios de 20 minutos. A saber, enquanto argumentista, realizadora, e agora *co-showrunner* (com Silvana Aguirre), Auza parece ser dona de uma imaginação colorida que persegue a beleza dos encontros improváveis, no caso da nova série, contrabalançando as dores de alma de um taxista, ex-piloto de Fórmula 1, com o espírito temerário de duas amigas secretamente apaixonadas.

Mais contratempo, menos contratempo, os três juntos percorrem o deserto mexicano com a promessa de que, chegados à fronteira, Richie verá cumprido o seu adiado desejo de morrer. Mas será mesmo assim?

«Talvez. Embora a certa altura passem a estar na mira de uma detetive implacável e *workaholic*, chamada Rojo (vermelho, em português), que, apesar de ter sido diagnosticada com uma doença degenerativa e dispor de poucos meses de vida, não se presta a cuidados médicos, nem inestéticas batas de hospital, como a própria resmunga.

Efeito Wes Anderson

Sofía Auza filma tudo isto com um carinho e uma graça visual que fazem lembrar o cinema de Wes Anderson (sem incorrer naquele grau puro de geometria) e a sua habilidade para enternecer pelas imagens o que de outro modo seria uma viagem dura.

Assim, independentemente do desfecho, ao longo dos episódios somos expostos à pequena luz que o taxista Richie contém na sua tristeza e ao que de bonito pode haver por trás de um assalto entre amigas.

Este último, um aspeto que tem pontos de contacto com o filme mexicano *Museu* (2018), de Alonso Ruizpalacios, onde Gael García Bernal interpretava um dos assaltantes do roubo que, em 1985, subtraiu mais de uma centena de artefactos da cultura Maia e mesoamericana ao Museu Nacional de Antropologia. Filme esse igualmente marcado por uma abordagem lúdica da ideia de assalto, ou não fosse a personagem de Bernal um estudante universitário, com uma tese por concluir, vindo de uma família de classe média e filho de médico. O que é que, afinal, pode levar alguém assim a cometer um furto de grande dimensão?

A história concebida por Auza traz uma espécie de resposta doce à perspetiva criminal, com uma banda sonora eclética, que vai mantendo a alegria na estrada, mesmo quando as sirenes dos agentes da ordem tentam interromper a aventura da amizade forjada, em circunstâncias excecionais.

Em suma, entre a "animação" dos carros da polícia e um táxi amarelo, as almas quebradas e o roubo como forma de identidade de grupo, os olhos tristes de Richie e a emoção da fuga, *Yellow* é uma miniatura em ponto de rebuçado, para quem a apanhar – depois da passagem pelo TVCine Edition, a série fica disponível no serviço de *video on-demand* TVCine+.

Opinião
Guilherme d'Oliveira Martins

Conhecer o Algarve

Por muito que o Algarve seja referido e visitado, o certo é que é das regiões portuguesas menos conhecidas, na sua riqueza e diversidade. Já em 1891, Gabriel de Saint-Victor afirmava que se o Algarve era quase desconhecido dos portugueses, seria, porventura, a mais interessante das nossas regiões…

Quando recentemente se abriram ao público os Banhos islâmicos de Loulé, junto da Casa Senhorial dos Barretos, houve surpresa e deslumbramento, uma vez que foi possível revelar que o património cultural não se limita às pedras mortas de uma construção física, prolongando-se no rico conceito de realidade viva, abrangendo a memória imaterial dos costumes e tradições, a valorização da natureza e do ambiente, a inovação científica e tecnológica e a criação contemporânea no respeito da *Convenção do Conselho da Europa*, assinada em Faro em outubro de 2005.

Quando a comunidade científica debate um conceito aberto e dinâmico de património cultural, não numa lógica conservacionista e redutora, mas como algo que enriquece a arte e a cultura, o desenvolvimento humano e a sustentabilidade, falo do tema a propósito de uma obra de elevado valor científico *A Construção do Algarve – Arquitetura Moderna, Regionalismo e Identidade no Sul de Portugal, 1925-1965* (Dafne Editora, 2023) do arquiteto e historiador Ricardo Costa Agarez, baseada na dissertação de doutoramento defendida em Inglaterra, publicada pela Routledge (2016). É um belo livro que merece leitura atenta, já que articula os conceitos de modernismo, regionalismo e "vernáculo", abordando os fatores que confluem no sentido da construção da identidade regional.

> "Em 1855 John Mason Neale falava do território algarvio como 'o mais pequeno reino da Europa'."

De facto, a maturação de uma linha própria na arquitetura contemporânea corresponde, no caso algarvio, a uma tensão e a um confronto, muitas vezes intenso, que permite integrar a criação cultural num movimento relevante. E, assim, podemos compreender como o Algarve necessita de melhor conhecimento da diversidade que o constitui. Se a realidade algarvia é pouco conhecida, a verdade é que há um potencial cultural e natural que tem de ser divulgado e enriquecido.

Em 1855 John Mason Neale, num roteiro para viajantes em Portugal, falava do território algarvio como "o mais pequeno reino da Europa", porque mantinha uma autonomia especial desde 1249, no culminar de cinco séculos de poder do Califado Omíada, com um Governo próprio entre 1595 e 1808, como tem insistido Carminda Cavaco… E Orlando Ribeiro salienta: "Nenhuma das nossas províncias mostra, como o Algarve, tal variedade na cobertura das casas. Predomina, como em toda a parte, o telhado de duas águas (…), mas no litoral oeste e na serra domina o telhado de uma só água." E esta variedade de formas, incluía a açoteia e as chaminés em estilo mourisco, elegantes e graciosas como minaretes. E Leite de Vasconcelos referia o testemunho de um popular sobre o facto de a açoteia provir de Marrocos. "Toma-se lá o sol, às vezes com toldos; sobe-se também aí para ver o mar. Servem para enxugar roupa, secar figos e pôr vasos de flores."

E assim, tais práticas construtivas e a arquitetura foram marcadas pela necessidade de haver um compromisso com a identidade regional, querendo esta sobreviver e florescer.

Administrador executivo da Fundação Calouste Gulbenkian

Opinião
Luís Castro Mendes

Dos diferentes usos das memórias

Pâle soleil de l'oubli, lune de la mémoire,
Que draînes tu au fond de tes sourdes contrées?
Jules Supervielle

Por muito que a memória seja a espinha dorsal da nossa identidade, sabemos bem que não poderia haver memória sem esquecimento. Se experimentarmos confrontar recordações com aqueles que partilharam as nossas experiências, logo veremos as diferentes memórias que cada um de nós guardou dos mesmos acontecimentos. O que persiste na nossa memória é desenhado pelas nossas crenças e conceções e colorido pela nossa imaginação.

Por isso, a empresa de escrever memórias pode ser abordada, ou pelo lado racional das nossas crenças e conceções (e muitas vezes preconceitos), e temos então memórias articuladas e pensadas como uma mensagem aos vindouros (por exemplo, Chateaubriand); ou, pelo lado da imaginação, reconstituir todo um passado, todo um tempo perdido, após a degustação de um bolo, que em tempos idos era dádiva de uma parente (Proust, evidentemente).

Escrever memórias impõe uma escolha entre a nossa personagem pública oficial e a nossa personagem pública íntima. Da primeira, há que relatar acontecimentos, testemunhos e façanhas; da segunda, tão pública e construída como a primeira, mas apelando a uma cumplicidade diferente com o leitor, há que contar pensamentos, sentimentos e impressões.

Claro que os grandes memorialistas sabem combinar os dois elementos: as apreciações políticas de Chateaubriand coexistem com a descrição dos seus estados de alma, como Proust não evita assumir posições políticas claras, nomeadamente quanto ao *Caso Dreyfus*. Mas a história política modula toda a narrativa de Chateaubriand e o caso político é aludido por Proust como um escândalo, mas sem contextualização.

Dou-me conta hoje que nas memórias que fui escrevendo, ainda não publicadas, deixei predominar a personagem pública íntima e não o ator-espectador da História.

A História passa por nós, abala-nos até ao fundo, transforma-nos em seres que nos custa hoje a reconhecer, mas é difícil fazer coexistir a imagem desse vulcão e da sua lava com a análise racional e friamente histórica dos acontecimentos. É tão difícil falar da *Revolução* que vivemos, como de uma paixão passada.

Ora normalmente o leitor espera dos livros de memórias revelações, segredos ou anedotas que se insiram num discurso racional histórico, inseridos na vida de alguém que, por muitos papéis diferentes que tenha assumido, apresente aos nossos olhos de leitores um discurso construído e coerente, apto a viver com todas as suas metamorfoses. Já a surpresa da metamorfose e a consciência profunda do tempo que ela nos traz faz o triunfo de Proust no *Temps Retrouvé*.

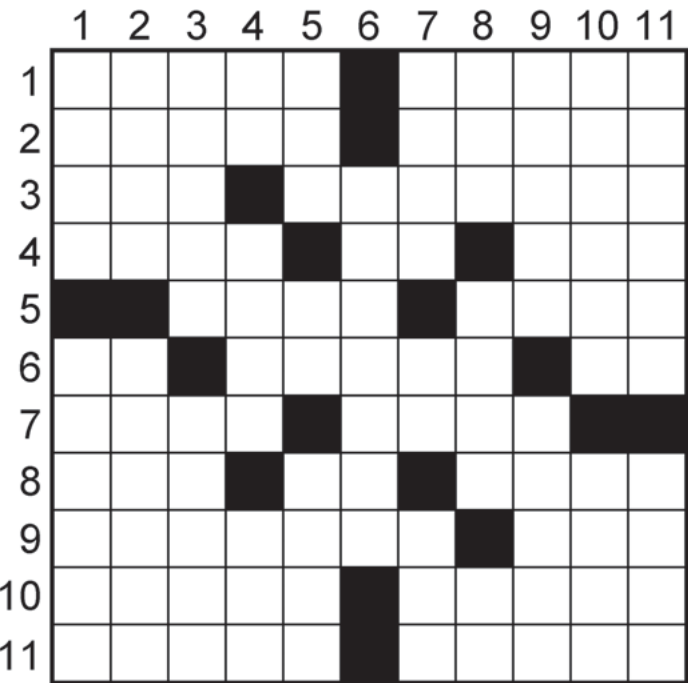
Stefan Zweig, com o seu habitual bom senso burguês, explica-nos que "tudo o que esquecemos da nossa própria vida foi porque um secreto instinto o tinha há muito condenado ao esquecimento; só o que queremos conservar para nós próprios tem o direito de ser conservado para outrem" (*O Mundo de Ontem*).

Sabemos que não é assim tão racional, a chave das nossas escolhas. Mas sei que cada um escreve as suas memórias conforme aquilo que é e, sobretudo, aquilo que quer mostrar aos outros que é. Todas as memórias falam da *persona*, mais do que da pessoa.

Dois livros completamente diferentes de memórias serviram-me de ponto de partida para estas reflexões: um, de que já falei, *Antes Que Me Esqueça*, de Francisco Seixas da Costa, uma coleção de histórias vividas e muito bem narradas; o outro, antes um diário, mas fundamentado na memória e na amargura do tempo, *A Desoras*, de Marcello Duarte Mathias.

E, por fim (não há duas sem três...), o excelente livro de memórias de Jorge Calado, *Mocidade Portuguesa*.

Diplomata e escritor

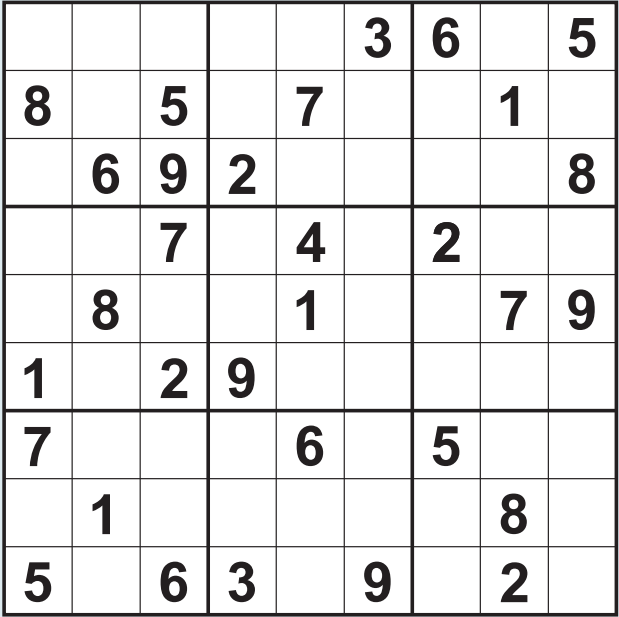
PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais: **1.** Um, entre dois ou mais. Peça com que se tapa. **2.** Grupo em que se divide um numeroso conjunto de estudantes. Sem diferença. **3.** Oferta Pública de Aquisição. Laje em que se acende o fogo. **4.** Terra ensopada em água. Cálcio (símbolo químico). Possuir. **5.** Recurso (figurado). Banquete que se dá pela ocasião do casamento. **6.** Elas. Instruído. Érbio (símbolo químico). **7.** Gravidade inerente aos corpos. Alvo (figurado). **8.** Repetição. Numeração romana (101). Elevado. **9.** Palavra que designa o número, a ordem numa série ou a proporcionalidade numérica. Transportes Aéreos Portugueses. **10.** Fio metálico. A voz da rã. **11.** Curar. Existir por muito tempo.

Verticais: **1.** Grupo circular de ilhas de coral. Somente. **2.** Lente de aumento. Falta de humidade. **3.** Milésima parte do quilograma. Adicionar. **4.** A unidade. Porção da circunferência. Ave pernalta corredora. **5.** Erradamente. Filho sde burro e égua ou de cavalo e burra. Acreditar. **6.** Bonança. **7.** Filete. A ti. Sigla de *Liquid Cristal Display*. **8.** Procede. Calçado que cobre o pé e parte da perna. Alternativa. **9.** Em grande quantidade. Mesa sagrada. **10.** Muro que forma o exterior de um edifício. Imposto. **11.** Estender no lar ou lareira. Confrontar.

SUDOKU

					3	6		5
8		5		7			1	
	6	9	2					8
		7		4		2		
	8			1			7	9
1		2	9					
7				6		5		
	1						8	
5		6	3		9		2	

SOLUÇÕES

2	7	1	8	9	3	6	4	5
8	3	5	4	7	6	9	1	2
4	6	9	2	5	1	7	3	8
3	9	7	6	4	8	2	5	1
6	8	4	5	1	2	3	7	9
1	5	2	9	3	7	8	6	4
7	2	8	1	6	4	5	9	3
9	1	3	7	2	5	4	8	6
5	4	6	3	8	9	1	2	7

Palavras Cruzadas

Horizontais:
1. Algum. Tampa. 2. Turma. Igual. 3. OPA. Lareira. 4. Lama. Ca. Ter. 5. Arma. Boda. 6. As. Culto. Er. 7. Peso. Meta. 8. Eco. Cl. Alto. 9. Numeral. TAP. 10. Arame. Coaxo. 11. Sarar. Durar..

Verticais:
1. Atol. Apenas. 2. Lupa. Secura. 3. Grama. Somar. 4. Um. Arco. Ema. 5. Mal. Mu. Crer. 6. Acalmia. 7. Tira. Te. LCD. 8. Age. Bota. Ou. 9. Muito. Altar. 10. Parede. Taxa. 11. Alarar. Opor

DUCATI:
Quase a fazer 100 anos, a marca de motos italiana vive o seu melhor momento

MOTORES Um marco importante na história recente da Ducati foi o lançamento da 916 em 1994, desenhada por Massimo Tamburini, e com a qual, o piloto Carl Fogarty venceu três Campeonatos do Mundo de *superbikes*.

ENTREVISTA **FERNANDO MARQUES**, *MOTOR24*

Longe vão os tempos em que a Ducati era sinónimo de motos europeias exóticas, com *design* e fiabilidade questionável. Quase a fazer um século, a marca com origem na cidade italiana de Bolonha ultrapassou as dificuldades ao longo dos anos, inovando (com a invenção do sistema de válvulas desmodrónico) e mantendo-se fiel à tradição dos seus motores em V. Em 2012, a Ducati foi comprada pela Audi, passando a integrar o Grupo Volkswagen, graças ao gosto pela marca do *chairman* Ferdinand Piëch. A Ducati está a viver o seu melhor momento, lidera o atual Campeonato do Mundo de MotoGP, que já tinha vencido em 2022 e 2023 em simultâneo com o de SBK.

O sucesso da marca nas pistas reflete-se naturalmente no lançamento de novas motos, como a nova Panigale V4 para satisfazer a procura pelo público aficionado da marca.

A 7.ª geração da Panigale foi alvo de um *facelift* dramático, com um farol inspirado na 916 e asas integradas, que reforçam a herança do MotoGP. Debaixo da carenagem redesenhada, um braço oscilante de dupla face mais leve substitui a unidade de face única, contribuindo para uma redução significativa do peso.

No coração da Panigale V4 2025 está o motor Desmosedici Stradale 90° V4 derivado de MotoGP. Cumpre a norma Euro5 e produz a mesma potência do seu antecessor, mas pesa menos. O motor de quatro cilindros arrefecido a líquido de 1103cc produz 209cv de potência e 120Nm de binário. Equipado com o escape Akrapovič, exclusivo para pista, a potência do motor pode atingir os 228cv.

A suspensão conta com uma forquilha Showa BPF de 43mm totalmente ajustável e um monoamortecedor Sachs.

O anterior sistema de travagem Brembo Stylema também foi substituído por novas pinças Hypure de quatro pistões e discos de 330mm.

Em 2024, o Grupo Volkswagen decidiu restruturar a distribuição da marca na Península Ibérica e nomeou Carlos T. López Panisello para novo diretor-geral da Ducati para Portugal e Espanha. O DN/Motor 24 aproveitou a passagem de Panisello pelo concessionário da marca em Lisboa, para ficar a saber a importância que tem para marca a entrada no *motocross*, e que uma Ducati elétrica poderá ser uma realidade no futuro.

Há quanto tempo está na Ducati?
Estou desde maio de 2023 no Grupo Volkswagen, que assumiu a distribuição da Ducati em Espanha e Portugal em 1 de janeiro de 2024, embora eu tenha começado um pouco mais cedo a preparar todo o trabalho.

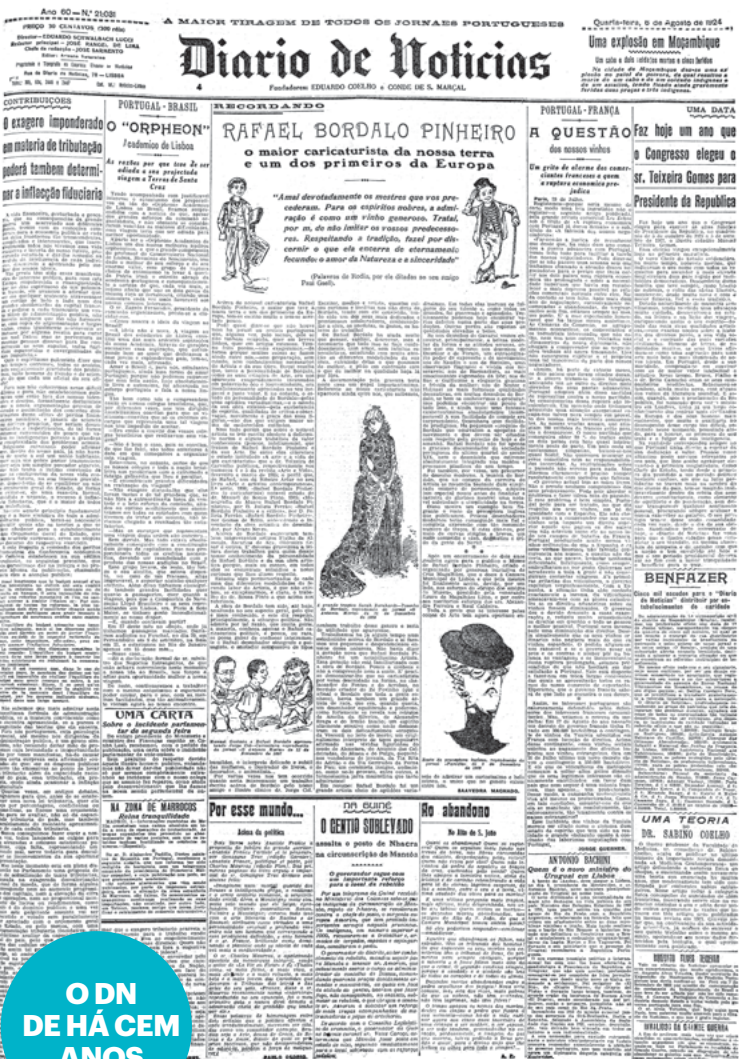
Quais são as diferenças que encontrou em Espanha e Portugal no modo de funcionamento da Ducati?
Antes, a distribuição em Espanha e Portugal era gerida por um importador privado chamado Desmodron, e agora é gerida diretamente pelo Grupo Volkswagen, que, por sua vez, é proprietário da Ducati desde 2012, através da Audi. Por isso, o maior desafio tem sido adaptar os processos que já temos na empresa de distribuição do Grupo Volkswagen em Espanha, também às motos.

Qual é a estratégia para o mercado ibérico?
A estratégia consiste em tirar partido do facto de a marca se encontrar no melhor momento da sua história, do ponto de vista do produto, do *design*, da tecnologia e da inovação. Tirar partido de todas as sinergias do Grupo Volkswagen, como a estreita colaboração com a Volkswagen Financial Services, que é a empresa financeira do Grupo Volkswagen, e tirar partido de toda a experiência do Grupo Volkswagen España, que distribui automóveis há muitos anos. O Volkswagen Group España é uma empresa muito grande, com muitos anos de experiência na distribuição de automóveis e na gestão da relação com os concessionários, e este é um trunfo que nos ajuda a trabalhar o mundo das motos de uma forma eficiente e profissional.

"O cliente Ducati português quer um produto mais exclusivo que o espanhol."

Carlos T. López Panisello
Diretor-geral da Ducati para Portugal e Espanha

Quais são as diferenças entre os mercados espanhol e português?
Para nós, são mercados diferentes. De facto, desde o início que quisemos diferenciar que somos a Ducati Espanha e Portugal, e não a Ducati Ibérica, porque para nós são dois países diferentes, com duas línguas diferentes, duas legislações diferentes, dois sistemas fiscais diferentes e dois tipos de clientes diferentes. Desde o início que quisemos ser muito sensíveis para dizer: aqui tenho o cliente espanhol, aqui tenho o cliente português, e querem coisas diferentes. Na realidade, o cliente português é ainda mais exclusivo, quer um produto, no caso da Ducati, mais único, com mais edições limitadas, tem uma perceção da Ducati como ainda mais *premium* e valoriza mais um produto com um acabamento muito elevado do que em Espanha. De facto, em Portugal vendemos motos cujo preço médio é mais elevado do que em Espanha.

Leia a entrevista completa em: *motor24.pt*

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 6 DE AGOSTO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

UMA DATA

Faz hoje um ano que o Congresso elegeu o sr. Teixeira Gomes para Presidente da Republica

Faz hoje um ano que o Congresso elegeu para exercer as altas funções de Presidente da Republica, no quadrienio de 5 de outubro de 1923 a 5 de outubro de 1927, o ilustre cidadão Manuel Teixeira Gomes.

Essa eleição vingou excepcionalmente logo ao primeiro escrutinio.

O novo Chefe do Estado evidenciára, ha muito tempo, notaveis meritos, que indicavam o seu nome com todos os requisitos para ascender á mais elevada magistratura dum país regido por instituições democraticas. Descendente duma familia que teve sempre, como brazão de nobreza, o culto das ideias liberais, manteve-se, desde muito novo e com a maior firmeza, fiel a essas tradições.

Dotado naturalmente de maneiras gentilissimas, tendo recebido uma educação muito cuidada, desenvolveu-a no estudo, na leitura e na lição das viagens, enriquecendo assim o seu espirito—dotado das mais ricas qualidades artisticas,—com exactas noções sobre a historia dos diversos povos, a sua vida social e o contraste das mais variadas civilizações. Homem de letras, de requintados meritos, os seus livros afirmam-se como uma aspiração para uma arte mais bela e mais iluminada de novos ideais. Em Portugal, desde a sua mocidade, comprazia-se em conviver com os de maior valor intelectual e artistico. Nesse tempo, Bruno, Fialho e o dr. Brito Camacho eram os seus companheiros predilectos. Relacionou-se tambem, ainda muito novo, com alguns dos vultos da literatura mundial. E assim, quando, após a proclamação da Republica, foi nomeado para nosso ministro em Londres, tinha já um largo conhecimento dos centros mais civilizados da Europa e dos seus homens mais eminentes, que muito o auxiliaria no desempenho desse cargo tão dificil, sobretudo nesse momento, possuindo ainda, para o honrar, os primores do seu trato e o fulgor da sua inteligencia.

Na realidade correspondeu sempre ao que Portugal tinha direito a esperar da sua dedicação e valor. Prestou nesse altissimo posto serviços relevantes ao seu país, que lhos soube agradecer elevando-o á primeira magistratura. Como Chefe do Estado, tendo desde o primeiro dia presidido a um periodo politico bastante confuso, em que as lutas partidarias se travam mais na sombra do que diante do país, tem-se mantido inalteravelmente dentro da orbita dos seus deveres constitucionais, como elemento de equilibrio e de ponderação, sem deixar transparecer qualquer sentimento pessoal, procurando sempre acalmar e nunca exacerbar as paixões. O seu prestigio tem-se desse modo consolidado cada vez mais, desde o dia da sua eleição. Saudando-o pelo aniversario de hoje, o «Diario de Noticias» faz votos para que o ilustre cidadão possa completar o seu mandato, na mesma atmosfera de simpatia e de carinho com que a nação o tem envolvido até hoje e que o seu periodo presidencial decorra até ao fim com a maior tranquilidade e beneficio para o país.

Por esse mundo...

Acima da politica

Dois livros sobre Anatole France a proposito do jubileu do grande escritor: «Anatole France l'artiste et le penseur», por Gonzague Truc (edição Garnier), «Anatole France, politique et poète, por Charles Maurras (edição Plon). Das primeiras paginas do livro arguto e imparcial do sr. Gonzague Truc destaco esta sintese feliz:

«Imaginem num mortal querido dos Deuses a inteligencia grega, o realismo e o senso oratorio romanos, a sensibilidade cristã; dêem a Montaigne mais simpatia pelo mundo que ele julga; aprofundem Voltaire; generalizem Renan, Voltaire e Montaigne; coroem tudo isso com a arte literaria de Racine e de Bossuet; atribuam essas virtudes a uma personalidade original e profunda: vive entre nós um homem que corresponde a essa prodigiosa definição, e esse homem é o sr. France, brilhante cume dominando a planicie onde se nivela de cada vez mais a mediocridade.»

O sr. Charles Maurras, o apaixonado apostolo da monarquia integral, sauda o autor de «La Vie en Fleur» e de «Thaïs» como «a mais firme, a mais viva, a mais elegante e a mais robusta, a mais bela e a mais jovem das Cariatides que decoram a Tribuna» das letras e das artes do seu país. «France, disse o sr. Maurras recentemente numa «interview» reproduzida no seu opusculo, foi o meu primeiro guia e nunca direi demais a admiração cheia de gratidão que tenho por ele.»

Essas palavras de homenagem entre dois artistas que a politica afastou e opôs irredutivelmente, merecem ser citadas como um consolador exemplo. Bendita seja a Arte, deusa de Graça, de Beleza e de Amor, diante da qual os proprios facciosos, que não desaprenderam de adorá-la, perdem a força de malquerer!

PAULO OSORIO.

RECORDANDO

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

o maior caricaturista da nossa terra e um dos primeiros da Europa

"Amai devotadamente os mestres que vos precederam. Para os espiritos nobres, a admiração é como um vinho generoso. Tratai, por m, de não imitar os vossos predecessores. Respeitando a tradição, fazei por discernir o que ela encerra de eternamento fecundo: o amor da Natureza e a sinceridade"

(Palavras de Rodin, por ele ditadas ao seu amigo Paul Gsell).

Ao abandono

No Alto de S. João

Quem os abandonou? Quem os esqueceu? Quem os sepultou mais fundo nas trevas da terra, nas fibras carcomidas dos caixões, despedaçados pelas raizes? Quem não rezou por eles? Quem não levantou da pedra do sepulcro os braços da cruz, quebrados pelo vento? Quem lhes apagou a lumieira votiva, alma de tristeza e de carinho relembrando a vida para lá do eterno; lagrima suspensa, de luz e sombra, entre o ceu e a terra, ultima saudade dos vivos para os mortos?

E uma ultima pregunta mais tragica, mais aflitiva, mais desgrenhada, nos sobe aos labios: Quem matou os mortos—os duzentos mortos abandonados, nos jazigos do Alto de S. João, de que a Camara Municipal tomou ontem posse?

Só eles poderiam responder—condenar—amaldiçoar.

Aqueles que abandonam os filhos, nas estradas, têm os tribunais dos homens! Os que esquecem os seus mortos nos cemiterios têm o tribunal de Deus. Os primeiros nem sempre castigam, porque a miseria e a fome falam mais alto do que o crime. O segundo condena sempre, porque a saudade e a piedade são leis de todos os corações e de todas as almas.

Duzentos mortos abandonados entre a pedra orgulhoza dos jazigos! Nova vala comum, mas esta dos ricos, mais pobres do que os pobres, não têm saudades, não têm lagrimas, não têm flôres!

O tempo apagou os nomes dos mortos, desfez em cinzas a pedra que fixara a sua memoria—como ha-de a mãe ensinar agora aos cinco anos inocentes de uma criança a ser mulher, a ser esposa, a ser mãe tambem, gravando-lhe no coração, piedosamente, a imagem do pai que morreu, talvez pedindo a Deus perdão e amor, para o divino anjo que lhe fechou os olhos para todo o sempre?...

A. P.

ANTONIO BACHINI

Quem é o novo ministro do Uruguai em Lisboa

A bordo do «Andes», deve chegar a Lisboa, no dia 8, procedente de Montevideo, o sr. Antonio Bachini, novo ministro plenipotenciario do Uruguai no nosso país.

O novo diplomata é uma personalidade do mais alto destaque na vida publica do seu país. Ministro das Relações Externas de 1907 a 1910, teve parte activa na questão das aguas do Rio da Prata com a Republica Argentina, colaborando na formula feliz que evitou um afastamento entre as duas republicas vizinhas e irmãs. Mais tarde realizou com o barão do Rio Branco o historico tratado que delimitou as fronteiras com o Brasil e estabeleceu o codominio uruguaio-brasileiros da Lagôa Merim e Rio Yaguaron. Foi durante o seu ministerio que o governo do Uruguai reconheceu a Republica Portuguesa.

O seu enorme prestigio politico e internacional fez com que lhe fosse oferecida a candidatura á Presidencia da Republica do Uruguay, que não quís aceitar, preferindo consagrar-se por completo ás lides jornalisticas em que desde muito novo se tinha começado a evidenciar. Foi redactor do «El Dia», do «Diario Nuevo», do «Diario del Plata» e durante largo tempo, tambem, do grande orgão da imprensa de Buenos Aires «El Diario», sendo considerado um dos primeiros, senão o primeiro, jornalista não só do seu país como do Rio da Prata.

Incumbido em 1910 de missão especial junto dos governos da Grã-Bretanha, Italia e Espanha, delegado á Assembleia da Sociedade das Nações em 1922, senador, deputado, etc., tem deixado bem vincada em todos os lugares a sua individualidade.

A sua nomeação para enviado extraordinario e ministro plenipotenciario em Lisboa procura responder especialmente á atenção do governo português, que tem mantido até agora um diplomata daquela categoria em Montevideo.

BENFAZER

Cinco mil escudos para o "Diario de Noticias" distribuir por estabelecimentos de caridade

Da administração da 1.a circunscrição civil do distrito de Moçambique (Memba), recebemos um penhorante oficio com data de 19 de Junho ultimo, acompanhando um cheque da quantia de cinco mil escudos, no qual se nos comete o encargo da sua distribuição por varias instituições de beneficencia da metropole e pelos pobres do nosso jornal e do nosso colega «O Seculo», produto de uma subscrição aberta naquela localidade, destinada a minorar a precaria situação em que se encontram as referidas instituições de beneficencia.

No mesmo oficio pede-nos o seu signatario, cujo nome omitimos, por ser seu desejo expresso conservá-lo no anonimato, que registemos em seu nome e no dos subscritores a generosidade da agencia do Banco Nacional Ultramarino em Moçambique, na pessoa do seu digno gerente, sr. Delfim Cordeiro Peru, que se prontificou a transferir gratuitamente a referida importancia para a metropole.

O «Diario de Noticias», profundamente reconhecido ao grupo de patriotas que nele delegaram tão generoso encargo, agradece em nome de todos os contemplados tão valiosos donativos, que vão ser entregues, sem demora, ás instituições de caridade indicadas no referido oficio e que são as seguintes:

Asilo de S. João, 1.000$00; Instituto Branco Rodrigues, 500$00; Asilo-Escola Antonio Feliciano de Castilho, 500$00; Albergue das Crianças Abandonadas, 500$00; Assistencia Infantil e Maternal das Juntas de Freguesia de Lisboa, 500$00; Assistencia Nacional aos Tuberculosos, 500$00; Asilo de Mendicidade, 500$00; para os pobres protegidos pelo «Diario de Noticias», de preferencia tuberculosos, 500$00; para os pobres protegidos pelo «Seculo», de preferencia tuberculosos, 500$00.

Subscritores: Pessoal da secretaria da administração de Memba, 275$00; Juma Cassamo, 137$50; Adamgy Tasbay, 125$00; Padá Ibraimo, £ 1 e 62$50; Damador Anangy, £ 6; Gordandas Ketev, £ 3; Companhia do Poror, £ 6; Mamade Bangy, £ 6; Katchi & Muler & C.a, £ 4; Juma Nurmamade & C.a, £ 2; Cassamo Jagu, £ 1; Cassamo Samade, £ 1. Conversão de £ 30-00-0 ao cambio de 145$00—4.350$00. Total, 5.000$00.

EXTRAÇÃO: 032/2024 **2.º PRÉMIO: 58961**
1.º PRÉMIO: 43048 **3.º PRÉMIO: 55077**

SORTEIO: 063/2024
CHAVE: 3-10-13-16-31-38 + 5

NÃO DISPENSA A CONSULTA DOS RESULTADOS OFICIAIS

Florida inundada pela *Debby*

A tempestade tropical *Debby* avançou ontem pelo norte da Florida, ameaçando ainda provocar inundações catastróficas no sudeste dos EUA – onde já causou a morte de quatro pessoas, entre as quais um rapaz de 13 anos que estava na *motor home* da família em Fanning Springs, noroeste da Florida, quando uma árvore a atingiu. A *Debby* tocou o solo neste Estado como um ciclone de categoria 1 (numa escala que vai até 5), antes de perder força e virar uma forte tempestade tropical.

EDWARD LINSMIER / GETTY IMAGES VIA AFP

9 funcionários de agência da ONU terão estado envolvidos no ataque do Hamas de 7/10

RELATÓRIO Nações Unidas afirmam que tomaram as medidas necessárias para punir estes indivíduos que participaram na ação terrorista: despediram-nos.

As Nações Unidas afirmaram ontem que nove funcionários de sua Agência para os Refugiados Palestinos (UNRWA) "poderão ter estado envolvidos" no ataque do 7 de Outubro no sul de Israel, executado pelo Hamas e que desencadeou a guerra em Gaza, acrescentando que foram demitidos.

Após uma investigação realizada pelos Serviços de Supervisão Interna (OSSI, na sigla inglesa), foi possível apurar que nove membros dos 19 investigados poderão "ter participado nos ataques armados" do 7 de Outubro.

"Temos informações suficientes para tomarmos as atuais medidas – ou seja, a demissão destes nove indivíduos", disse o porta-voz da ONU, Farhan Haq.

Em janeiro, Israel denunciou que 12 funcionários da agência para os refugiados palestinianos participaram no atentado mortal em território israelita, que fez 1917 mortos, a maioria civis, segundo uma contagem da AFP baseada em dados oficiais de Israel.

Os comandos islamistas sequestraram ainda 251 pessoas, feitas reféns, 111 das quais permanecem cativas em Gaza, entre elas 39 que, segundo o Exército, morreram.

A 29 de janeiro, o secretário-geral da ONU, António Guterres, pediu uma investigação das denúncias.

Logo depois, as autoridades israelitas apresentaram denúncias contra outros sete membros da agência.

Agora, o OSSI concluiu a investigação das 19 pessoas denunciadas e aponta que num caso "não existem provas" do seu suposto envolvimento no ataque.

Nos outros nove casos, a "prova é insuficiente para apontar seu envolvimento", embora a organização anuncie "que medidas apropriadas serão tomadas em seu devido tempo, em conformidade" com as normas da agência.

Os nove restantes "podem ter participado" no atentado e o seu vínculo laboral com a agência "será rescindido em interesse" da mesma, disse a organização em comunicado. **DN/AFP**

BREVES

Atacada base iraquiana com tropas dos EUA

Uma base iraquiana que acolhe tropas dos Estados Unidos foi ontem alvo de um ataque com *rockets*, dias depois de uma ofensiva norte-americana ter matado quatro combatentes iraquianos pró-Irão, adiantaram fontes de segurança do Iraque.

"Foram lançados *rockets* contra a base Ain al-Assad" na Província de al-Anbar, na região ocidental do Iraque, disse fonte de segurança iraquiana à Agência France-Presse (AFP).

Já o comandante de um grupo armado pró-Irão referiu que pelo menos "dois *rockets* atingiram a base, numa altura em que os receios de uma conflagração regional aumentaram no Médio Oriente e levaram os Estados Unidos a reforçarem as suas forças militares. O reforço militar norte-americano na região surge na sequência do assassínio atribuído a Israel do líder do Hamas e da morte, num ataque israelita, de um alto responsável do Hezbollah, que Teerão e o movimento libanês prometeram vingar.

Este ataque surge num momento de grande preocupação com um possível ataque do Irão e dos seus aliados contra Israel, em resposta às mortes de altos funcionários do Hamas e do Hezbollah.

Rússia proíbe fundação alemã Konrad Adenauer

A fundação alemã Konrad Adenauer, organização cujo principal objetivo é promover a democracia, foi declarada "indesejável" e, portanto, proibida na Rússia, anunciou ontem o gabinete do procurador-geral russo. Esta decisão parece ser principalmente simbólica, já que a fundação afirma que suspendeu suas atividades em território russo após o início da ofensiva na Ucrânia, em fevereiro de 2022, e já não está presente no país. Mas segundo o gabinete do procurador-geral, a fundação "divulga documentos que descredibilizam os dirigentes da Federação da Rússia, sua política interna e externa, o trabalho das forças de ordem e o Sistema Judicial" e "promove ativamente a política dos Estados hostis" à Rússia. As suas atividades informativas, "de natureza abertamente provocadora, pretendem complicar as relações entre a Rússia e os países Ocidentais", prossegue. A Fundação Konrad Adenauer foi estabelecida na Rússia em 1990, no final da Guerra Fria, com escritórios em Moscovo e São Petersburgo.

Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

56719
5 605290 023002